

JOSÉ LEÃO

---

# AVES DE ARRIBAÇÃO

LENDAS E CANÇÕES SERTANEJAS

---

O producto da venda será applicado em beneficio das victimas da secca do Rio Grande do Norte

---

Rio de Janeiro

TYP. CENTRAL DE BROWN & EVARISTO  
28 Rua Nova do Ouvidor 28

1877

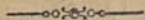
A  
B869.1  
L437  
av  
1877

BIBLIOTECA DO ESTADO FEDERAL

Este volume foi registrado  
sob número 3150  
do ano de 1974

AOS

MEUS COMPROVINCIANOS







Quem por berço as selvas teve  
Só nas selvas vive bem.

CARLOS VIANNA.



## INTRODUÇÃO

---

### I

O sertão do Rio Grande do Norte é por sem duvida a parte mais torrida que medeia entre as duas zonas temperadas.

Alli os ventos são irregularissimos e contrarios, dando logar á formação dos redemunhos \* a que o povo ligou tradições phantasticas e diabolicas.

As chuvas só nos visitam em uma certa epocha do anno e ainda assim são espaçadas, subitas e torrencias.

Durante todo anno só ha inverno tres mezes: não acontece como agora que ficamos sem elle.

---

\* Ventos circulares.

Essa circumstancia faz com que o centro da provincia apresente o mesmo aspecto de seccura durante a maior porção do tempo.

As neblinas de junho preparam a epocha de transição ; geralmente são ellas continuadas e de um caracter permanente e importuno aos olhos da creança que gosta de rir e folgar pelos campos ; mas aos do sertanejo são como a pedra de toque de suas colheitas.

Entra-se dahi por diante no periodo fatal e longo da secca, isso em epochas normaes ; os mattos despem-se das folhagens, os rios descobrem os leitos, o capim amarellece nos altos, e nas baixas as moitas de hervas rarefazem-se totalmente.

Esta mudança no clima faz com que a natureza de alegre que era, torne-se triste, monotona e aborrecida.

As nossas paysagens participam dessa pobreza e falta de variedade no colorido das scenas campestres ; os nossos costumes são rudes, porém singelos : e ao calor de um sol ardente definham as nossas esperanças.



Nasce dessas alternativas com a natureza physica a necessidade de orar entre este povo crente. A imaginação é um dos seus mais notaveis attributos. A credulidade a sua maior riqueza.

Ha poucos recursos naturaes e não obstante vive-se alli uma especie de vida patriarchal e feliz.

Os costumes são placidos e ordeiros e não ha na gente essas explosões guerreiras e uma existencia cheia de aventuras de que temos exemplos em outras populações do norte do imperio.

A este livro, que reproduz em parte os habitos dos nossos sertanejos, falta por conseguinte movimento e acção.

Por mais esforços que empregassemos hão de sempre as nossas descripções ressentir-se dessa monotonia e seccura, que lembram a natureza e os accidentes do terreno.

As scenas são copiadas do original e embora alguns annos afastado desses logares



guardamos todavia a recordação grata e fiel de todos elles.

Tivemos em vista escrever para os nossos comprovincianos, a quem offerecemos o nosso trabalho, que é mais um novo esforço tentado no campo esteril para nós das lettras patrias.

A sua rasão de ser é muito simples: ou calamos em nós esse sentimento vago da poesia que nos visita ás vezes, ou, si o exprimimos em versos, não resistimos á tentação de communicar a estranhos as doces e agradaveis impressões de que nos possuímos no momento.

Gasta-se em sonhos a mocidade e n'uma outra quadra da vida, quando os dias se nos figuram tristonhos e o coração vasio de amor, deve de nos ser grato e consolador o espreiar os olhos por um livro de versos que nos lembre epochas mais ditosas, indo acordar no pensamento uma ou outra visão que alli se abriga.

Então a musa das nossas illusões douradas, a virgem que primeiro nos sorriu pa-

recerá adejar em toda sua pureza juncto ao nosso leito e recordar-nos-á as felizes disposições de espirito em que amamos tanto e tão cedo.

Ser-nos-á agradabilissimo reviver todo esse passado de illusões á sombra de algum daquelles bosques de que fazemos menção neste livro e ao ar balsamico dos campos respirar com mais socego a ventura de tornar a vêr a terra natal.

## II

Demos, pósto que mui succintamente, uma idéa exacta do scenario, onde se desenvolve o drama sentimental da poesia e alguma cousa accrescentamos dos personagens que nelle tomavam parte.

Falta-nos por emquanto tractar do genero dessa poesia e das modificações a que está sujeita.

Ainda em alguns pontos ouvem-se coplas dos velhos cancioneiros, substituidos melhor, mais completamente pelos nossos cantadores.

O livro não é de todo em todo moldado á feição popular: passámos por cima dessas fórmulas orthodoxas, bellas sim, porém pouco cultas, e fomos receber a inspiração no gráu de civilisação actual que tem o povo.

O sentimento nativo mostra-se aqui tal qual é, e sob a fórmula litteraria mais commum da nossa poesia.

A litteratura nacional não vem a sê-lo por que exprima tão sómente a phrase singela e apaixonada do camponio ou sertanejo, do homem rustico ou selvagem: deverá caracterisar tanto a natureza como o adiantamento de um povo, que a cada instante mais se aproxima do estado de civilisação, e errado andaria quem, desprezando essas verdades intuitivas, se embrenhasse em tradições apagadas dos aborigenes e fosse surprehender em genesis as theogonias esquecidas desses povos.

Aquelles que amam as ficções poeticas de nossos indigenas si limitam ahi a sua nacionalidade, só demonstram com isso um



indianismo ridiculo e estudado ou no geral estreitesa de cerebro e vistas curtas no tocante a querer accentuar esse genero de litteratura patria como a verdadeira e unica manifestação da poesia brasileira.

Então, si é um de fóra, como por exemplo o Sr. Pinheiro Chagas \* que vem de fazer este interessante achado, a cousa toca ao sublime do dislate!

Si não temos uma litteratura nossa já formada e querem-nos por tudo emprestar uma que não a portugueza, acceitamos a bôa intenção do presente, mas não ha de ella constar de costumes tópicos, pois que não nos consideramos nenhuns selvagens.

É nossa humilde opinião que de todos esses elementos heterogeneos, o nacional, o estrangeiro, o americano, etc., ha de surgir no futuro a unidade das nossas creações litterarias, caracterisadas por um cunho verdadeiramente brasileiro.

---

\* *Critica sobre a Iracêma.*

Velho e paralyzado á beira do oceano, onde chegam em desmaios os raios do sol da civilisação pela sua posição no occidente da Europa, estende Portugal as vistas cubiçosas, posto que embaciadas pelos annos, sobre as verdes aguas do Atlantico e sente com funda magua que não poderá acompanhar em seus sonhos de gloria o condor americano, si quer de longe, por que a extensão das aguas, a fraqueza de suas forças, o espaço indefinido que tem diante de si, lhe interceptam o olhar do Brasil de quem se diz pae e a quem cabe melhor o titulo de tyranno!

O' raiva! ó dôr! querer e não poder mirar-se no filho amado!

A alta pretensão de nossos irmãos de além mar funda-se talvez sobre este facto: de presumirem que nós sejamos o doce renovo da arvore agigantada de seculos e que a nossa litteratura, continuação da delles, fosse talhada ao gosto antigo!

Como tal não se dá, injuriam-nos.

Maior que o abysmo cavado pelas aguas



collocou a natureza entre os dous povos mais invencivel obstaculo ainda : a differença de indole.

Esse contraste, que fórma a nossa feição particular, é evidente aos olhos de todo o mundo e as nossas concepções litterarias estão ahi para attestal-o.

Jamais os portuguezes poderão chamar seus os nossos cantos, nem confundir siquer as scenas de nossa vida com o seu modo de viver.

Essa diversidade de sentimento juncto á constantê aspiração de nos tornarmos differentes de nossos antepassados será bastante para fazer de nós uma geração á parte, inteiramente alheia aos costumes portuguezes.

De outro lado, em quanto que clamam contra os nossos excessos de linguagem melhor fôra que se resignassem ao papel, que lhes está reservado no futuro, de representar ao lado de nós uma nação morta pela sua decrepitude, considerando mais que uma alma nova em uma nova vida desponta no Brasil

e que precisamos de termos novos para exprimir idéas novas e sentimentos inda não experimentados por elles.

Somos o primeiro a abusar dessa liberdade de expressão e ahi damos a rasão de nosso constante abuso.

Nenhum odio vae nas palavras que proferimos; parecem-nos a verdade; por isso as consignamos talvez que imprópriamente na introduccão deste livro.

### III

No que mais particularmente nós diz respeito, pertence este livro a uma epocha de transição, ao periodo theologico como acreditado-hia um discipulo da philosophia positiva.

Ninguem é responsável pelas crenças e tradições que lhe provenham do berço.

A infancia alimenta-se de sonhos, tem a quéda para o sobrenatural, e a religião nella deixa de ser uma hypothese theologica para

entrar no dominio da chimera. Os paes ensinam a seus filhos o que aprenderam de seus antepassados : as reformas nesse caso competem ao individuo só e unicamente.

Esta é a historia commum da humanidade.

Paes e filhos são inconscientes nesse ponto do bem ou mal que fazem á sociedade e a si proprios.

Não criminamos a educação que recebemos, nem tão pouco a religião de nossos paes.

Devemos a esta todas as poeticas ficções que ahí figuram como formando a parte maravilhosa indispensavel, segundo os rhetoricos, aos mais insignificantes poemas.

Algumas dessas lendas foram-nos ensinadas na infancia pela pessoa que se occupava de guardar-nos os passos e a quem á pagina 126 deste livro dedicamos uma poesia.

Não teriamos dado a lume a presente colleccão de versos, pensando hoje a muitos respeitos de modo diametralmente opposto, si não fosse esse culto sancto que tributamos ao



passado e pelo qual muitas vezes immolamos as crenças do presente.

Além de que neste momento critico concorreremos com o que está ao nosso alcance em beneficio dos nossos conterraneos victimas da secca.

Nesses versos, muitos delles já ha alguns annos escriptos, vão consignadas todas essas doces recordações que despertam na alma um sentimento terno, ora amoroso como o sonhar primeiro de um noivado, ora tristonho como a lembrança de um amigo ausente.

Sempre que pudemos, porém, e achamos asada a occasião introduzimos nelles um principio estranho, por ventura scientifico, que destruisse o effeito occasionado pela boa dose de crença religiosa.

Como fugir á fascinação do ideal?

Viver é recordar, é ter sonhos e desejos, é amargurar na duvida e crer-se feliz a gente por se julgar amado. O amor é a rosea inspiração dos vinte annos.

A natureza dos tropicos exalta mais e mais os sentimentos do poeta em diluvios de

paixão. As necessidades physiologicas cream esses vagos desejos de um goso imaginario ou real. Dahi o fogo que reverbéra de suas composições.

Para sentir assim é mister haver amado muito e nunca deixar de amar.

Si a pobreza dos recursos contrasta com a exaltação dos sentidos, a lucta é descommunal e vertiginosa; irrompe do peito um brado de indignação que é abafado pelo peso do genio.

Ao clarão do incendio vêm-se ao longe estrellas que scintillam no céu com uma luz mais branda. A alma fatigada de tanto desesperar volta ao primeiro sonhar, á paz de outr'ora, e como que eleva-se até onde pairam esses luzeiros do firmamento.

Na plaga sideral chocam-se os infinitos!

O amor em lucta com a miseria é por sobre tudo isso como a dalva do pensamento a lançar clarões furtivos....

O espirito educado para a vida das paixões desconhece essas distancias que separam os



grandes dos pequenos; bastante é que nelle o sentimento do bello esteja bem desenvolvido. No amor encontra as compensações; por conseguinte o poeta não póde deixar de amar, porque na maior parte pobre assisti-lhe a ventura de ser amado.

Feitas estas observações sobre a parte mais individual do livro, ahi o entregamos tal qual foi escripto, incorrecto, apressado, com o fim unico de despertar entre os com-provincianos o gosto litterario por esses estudos de poesia pópular.

Possa esse esforço ser coroado do melhor resultado e a nossa aspiração será completamente satisfeita.

O gosto que se vae desenvolvendo na provincia pela litteratura entre os moços, manifestado pelo numero crescido de pequenos jornaes recreativos que vão apparecendo, dá uma idéa exacta do seu amor nascente ás conquistas nesse terreno e promette um futuro auspicioso aos filhos de lá.

O campo é vasto e ainda não arroteado;

trabalho, animação e esperança, e o resultado responderá por nós.

Um aperto de mão aos nossos distinctos patricios, e uma saudade que lhes enviamos nas—AVES DE ARRIBAÇÃO.

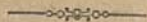
Côrte, 8 de julho de 1877

JOSÉ LEÃO





Aves de arribação











# AVES DE ARRIBAÇÃO

---

## A PARTIDA

Voae ao puro céu da patria minha,  
— Aves de arribação!

Entrae pelo meu lar, pobre casinha,  
Perdida no sertão....

E á varzea que eu amei na forte calma  
Dos dias de verão

Dizei adeus por mim do fundo d'alma,  
Adeus do coração.

---

## CANÇÃO

Pela manhan nas floridas campinas  
Das noites estivaes o orvalho chora;  
São lagrymas do céu que a flôr devora  
Pela manhan nas floridas campinas.

A natureza a trescalar perfumes  
O valle de frescôr e os montes pêja;  
Além da selva á penedia alveja  
A natureza a trescalar perfumes.

A virgem deixa seu casebre occulto  
Nos ramos bastos dos jasmims virentes,  
Quaes vagalumes dos paús, ausentes,  
A virgem deixa seu casebre occulto!...

E vae na lympha borrar seus labios,  
Banhar a fronte da frescura amena;  
Levára a noite a divagar serena  
E vaé na lympha borrar seus labios....

As borboletas, que do rocio vivem,  
Pousam nas folhas de cheirosa planta  
E a virgem passa e com seu busto espanta  
As borboletas que do rocio vivem.

Tudo é poesia no sertão; ao longe  
As aves cantam: matinal gorgeio!  
Os serros fumam, que celeste enleio!  
Tudo é poesia no sertão, ao longe.



## Nós dous

Era á hora da sésta; os passarinhos,  
Recolhidos á sombra, se abrigavam  
Sob os véllos macios de seus ninhos.

As serpentes no chão tredas rolavam,  
Procurando do ardor do intenso dia  
Os dorsos mitigar que se abrasavam.

Um vago sussurrar, surda harmonia,  
Como a casca que estalla do páu-ferro  
De espaço a solidão fraco irrompia.

Foi nos mattos em flôr, juncto de um serro,  
Que nos vimos a sós longe de casa,  
Descendentes de Adão, cridos em erro!...



Não é tão meiga assim si a debil aza  
Á próle estende a mãe... casta rolinha,  
E a beijal-a de amor toda se abraza !

Quando o sol descambou, á tardesinha,  
Fui a lenha rachar que me pedira  
Em paga desse ardor a amante minha.

Ora, ausente de mim, talvez suspira  
N'algum sitio de além, triste e chorosa,  
Emquanto o bardo seu geme na lyra.

Da vida na manhan, foi como a rosa  
Que o vento desfolhou por cercanias ;  
Como a onda do mar silenciosa  
Que d'encontro quebrou-se ás penedias.



## O FIM DA TARDE

O quadro é seductor ! cruzam-se ao pateo  
Os rebanhos das brancas ovelhinhas ;  
E nos cimos das serras mais visinhas  
Cobrem-se as rochas de dourado fumo.

É á hora em que o sol descendo a prumo  
Á natureza uma saudade envia ;  
É a hora fatal da nostalgia,  
Dos recordos da infancia esvaecida.

Hora cheia de amor, de encanto e vida.  
Em que o céu é sereno e a tarde calma !  
Livre dos laços sensuaes a alma  
Ovante segue a vastidão do espaço....

No firmamento luminoso traço  
Destaca as sombras do arrebol poente,  
E as sariêmas no cantar plangente  
Relembra queixas de maguado pranto.

Escuri-negro do vergel o manto  
Traz para a scena da tristeza as côres,  
E os prados todos em que brotam flôres  
Ledos scismares despertar nos podem.

Hora saudosa! a cujo amor accodem  
N'alma da gente sensações fagueiras;  
Ao pôr do sol nas limpidas ribeiras  
Mais doce a vida nos sertões exulta.

Entre carrascos a Fazenda avulta,  
Scisma alli o vaqueiro apóz á lida  
Ao seio quente da mulher querida,  
Onde a cabeça reclinada occulta.

## Versos a Maria

Dizem que és bella, Maria ;  
A flôr dos teus lindos seios  
É rosa de Alexandria.  
Oh ! deixa mirar-lhe os veios....  
Que loucura, meus amores !  
A flôr de teus lindos seios....  
Será como as outras flôres?

Os sertanejos te amam ;  
Mais que todos elles, eu ;  
Junctos á uma te chamam  
« Anjo perdido do céu ! »  
Divinizam teus enleios,  
Mais que todos elles, eu,  
A flôr de teus lindos seios !



Maria, eu amo-te, calma,  
Sobre os lençóis de teu leito,  
Quando divaga tua alma  
Em sonhos virgens do peito....  
E a rosa dos teus amôres  
Sobre os lençóis de teu leito  
Abre á luz mimosas côres!

Dizem que á noite, Maria,  
Todos os máus pensamentos  
Que nos assaltam de dia  
São sonhos de aprazimentos....  
Em mim os tibios anceios,  
Todos os máus pensamentos  
Dissipa a flôr de teus seios.



## PAYSAGENS

Ao pé da serra a moradia alveja,  
Um cercado alli 'stá do matto em meio,  
Onde o gado que ao longe se vaqueja  
Conserva-se prendido, até que esteja  
Esquecido dos pastos donde veio.

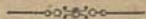
Tem curraes a Fazenda, dous chiqueiros,  
Recolhidas cabrinhas que dão leite  
E ovelha em demasia; nos terreiros  
Ha gallinhas, perús; alguns celeiros  
Estão cheios de arroz, legume e azeite.

Á tarde nos moirões de uma porteira  
Sólta a voz o moleque da Fazenda;  
Vão-se os moços sentar juncto á clareira  
De um bosque alli ao pé; enquanto á esteira  
Tróca bilros a velha e faz a renda.

De barro alevantada, uma parede,  
Impedira o correr á lympha mansa :  
E eis ahi um açúde, aonde a sêde  
Mata todo animal ; de longe, vêde,  
Assimelha-se a um mar posto em bonança!

Muito cedo depois de beber leite,  
Ás cercas do curral, pelos vaqueiros  
Tirado á vacaria ; ha seu deleite  
Em banhar-se acolá. Mas, que, as espreite,  
Temem virgens, alguém, dentre os pereiros!

Paysagens naturaes! desta cidade,  
Onde reina o prazer em confusão,  
Eu transporto-me além á soledade  
E devasso o porvir e a immensidade,  
Vivendo entre delicias no sertão!



## A MORTE DE THEREZA

O matto inda conserva o alegre manto  
Do inverno que passou;  
E a cova que se abriu no campo sancto  
Já de todo fechou.

Fazem tres mezes só que eu vi Thereza,  
Aquelle serafim!  
Morrêra por S. João; tanta pureza  
Jamais verei assim!

Toda a gente chorou; que bôa gente  
Aquella do logar!  
Si morre uma pessôa, de repente,  
Põe-se tudo a chorar!



Foi-se, á pressa, chamar por toda parte  
O bom do confessor ;  
Andava em desobriga \* ; e a pobre martyr  
Não resistiu á dôr !

Morrer sem confissão ! sem ter contado  
Os peccados a Deus,  
Seria uma rasão para o culpado  
Não alcançar os céus !...

Ella, a pobre coitada, era innocente ;  
Nem soube o que é peccar !  
O padre que uma vez a ouviu tremente  
Mandou-a levantar....

Thereza não morreu ; dormita apenas  
Vivendo na memoria  
Da gente que a creou, livre das penas  
Da vida transitoria.

Vem á tarde cantar juncto á egrejinha  
Nos ramos de embuzeiro  
A branca sabiá, chilra a andorinha  
Nas bicas do telheiro.

---

\* Visita parochial.

A natureza chora ao sol poente  
Saudade de Thereza ;  
O chão em que ella jaz parece quente  
Ainda de tristeza.

Choram todos a flôr das sertanejas  
Bem morta por S. João.  
Feliz de quem morreu ! Bemdicto sejas  
Auctor da criação !



## VOZES NO ERMO

Chove; nos campos desabrocham flôres;  
Leva a neblina a viração do sul;  
E as borboletas vão colhendo os vôos  
Das azas negras de brilhante azul.

Que doce aroma a rescender dos ares  
Na luz serena de aniladas côres!  
Que paz tranquillã nas manhans de inverno  
Ao ledô influxo de um viver de amores!

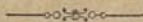
Humida terra inda roreja em bagas,  
Falla o regato á cachoeira erguida:  
« Dá-me o teu seio, meu amor! em quanto  
Não me desfago na veloz corrida! »

Salta da varzea na relvosa alfombra  
A esguia corça pressentindo a gente ;  
As aguas correm dos erguidos serros,  
Róla a pedreira ao remoinhar da enchente.

E a matta virgem, que confina aos rios,  
Queixas desprende de irritado espectro,  
Porque da chuva o temporal desfeito  
Crestou-lhe os membros, lhe abatera o sceptro !

Casam-se ás vozes de tristezas tantas  
O som festivo e o gazear das aves ;  
Na minha terra quando a chuva cessa,  
É doce o accento das canções suaves !

A natureza se transforma em hymnos,  
Os céus se azulam como as longes serras ;  
E a voz dos campos se difunde em sonhos,  
Como as miragens das desertas terras !





## O DESFOLHAR DA ROSA

A GARCIA REDONDO

Era ao tempo em que a flôr dos espinheiros  
Cahia em profusão ;

E os regatos cançados de correrem  
Seccavam no verão....

No céu de meu Brasil nem uma nuvem  
Passava no sertão.

Era ao tempo em que a rez desce das serras  
Em busca de beber ;

E o velho caçador para lá sóbe  
A fim de mel colher ;

Em que a vida do pobre é mais difficil  
E dura de viver.

Em casa de Labão todos acordam  
E tractam de rezar ;

Primeiro que ao trabalho, a Deus se entregam,  
Naquelle doce orar....

Vem a aurora rompendo, muito ao longe,  
De onde fica o mar.

Rescende o bogarim de brancas fôres  
Ao vir da madrugada ;  
Canta a craúna na aroeira ao perto  
Seu hymno de alvorada !  
E em casa de Labão inda se resa  
Á sancta mais amada !

E antes de ser dia, quando as aves  
Começam com seus trinos,  
A filha de Labão, a pobre orphan,  
De dotes peregrinos,  
Deixa o rancho do pae e segue avante  
Sem crêr nos máus destinos !

\* \* \*

Era seu nome Rosa ; como aquella  
Não abrem mais botões....  
Creára-se entre flôr a flôr mais bella  
Das invias solidões ;  
A rama, que a brotou, que á luz a déra,  
Seccára os rebentões !

Rosa, ao amanhecer, que lindos sonhos  
Desperta o doce albor !  
No êrmo a flôr do val treme aos protestos  
E beijos de outra flôr ;  
Ellas se amam tambem : conduz o vento  
O germen deste amor.

Rosa, tú és a flôr que desabrocha  
Amor no coração !  
Vio-te além desse val um pegureiro  
E morre de paixão ;  
És a causa innocente de seus males  
O' flôr deste sertão !

\*  
\* \*

Era ao tempo, tambem, das noites bellas  
Tão proprias de caçar :  
Em que a lua madrugua no horisonte,  
Mas, fraca, a clarear ;  
E as varas de queixada e os campineiros  
Vão longe passear.

Era ao tempo em que o misero vaqueiro  
Repousa na Bebida \*  
Á espera de uma rez que não se ha visto  
E conta por perdida,  
Em que os filhos da terra vão, de longe,  
Das onças na batila.

---

\* Tambem chamado Bebedouro, logar unico no tempo de secca onde bebe o gado.

Havia de manhan adormecido  
    Á orla do caminho  
Um mancebo gentil, terror das caças,  
    Do manso passarinho,  
E forte atirador que busca as aguias  
    Fugidas de seu ninho.

Por juncto áquelle esplendido vargado,  
    Á luz do sol nascente,  
Vio elle um certo dia a flôr dos bosques  
    Surgir-lhe, de repente!  
E a contar-se dahi, na solitude,  
    Que vaga tristemente.

Mas as horas se vão, as manhans voltam,  
    E Rosa sem tornar;  
E o mancebo alli vem dormir as noites,  
    A fim de a lobrigar:  
E a moça que conhece-lhe a constancia  
    Tem impetos de o amar.

Agora, eil-a que achega-se de um vulto,  
    De manso, sem tropel;  
Contempla aquelle rosto prasenteiro  
    Á sombra do vergel!  
E falla; a voz do amor é doce como  
    Da jandahyra o mel. \*

---

\* Abelha amarella.



De um sonho, em que talvez se extasiára  
Ouvindo a sua amante,  
Acorda o caçador; seus olhos buscam  
A image interessante  
Daquella que é senhora de sua alma  
E a vê, terna, offegante!

De um pulo a tem nos braços enlaçada,  
Unida ao coração;  
Ella treme, descóra e não se atreve  
Fugir à seducção  
Por que sente su'alma abrir-se aos éstos  
De intima paixão.

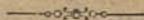
\* \* \*

Dahi não muito longe existe a gruta  
Mais casta dos amores;  
Por limpidas manhans sahem de dentro  
Dous léstos caçadores....  
Os mysterios de lá dil-os a auróra  
De juncto ás bellas flôres.

Em casa de Labão, quando apparece  
A rosa mais gentil,  
É triste e merencoria como a lua  
De março para abril,  
Quando as nuvens no ar vagam silentes  
Por céu que foi d'anil!

E a gente que a examina não se afoita  
A interrogal-a um dia;  
E Rosa os olhos tem presos ao longe  
Na branca penedia....  
— Encantos de Sereia ou de Mãe d'agua,  
Talvez feitiçaria!

O velho que uma vez foi-lhe ao encalço  
Morrêra de desgosto!  
E Rosa, indiferente à sua morte,  
Conserva alegre o rosto,  
E, em vez de madrugar e ir à gruta,  
Fizera lá seu posto.



## A RÊDE

Ouvem-se gritos apressados, longe :  
— Irmãos das almas ! diz o echo além.  
E ao mesmo tempo se desenha o quadro  
De um triste enterro que correndo vem !

A rêde passa recurvada ao pezo  
Do sem-ventura que no val morreu ;  
Segura ás pontas de um varal comprido,  
Fluctua a rêde similhando um véu !

As gentes todas contristadas choram ;  
As arv'res fitam, do caminho, a rêde :  
E tudo indica que um pezar de morte  
Invade o peito que a chorar despede !

Erguem-se as aves ás primeiras vozes,  
Soltam pungentes, dolorosos pios ;  
Ah ! todas ellas pranteando o morto  
Somem-se ao longe nos vergeis sombrios !

Vê-se, distante, assoberbar o espaço  
As alvas torres da modesta egreja ;  
E o cemiterio se afigura proximo ;  
E as casas, tudo, para logo alveja !

— Irmãos das almas ! brada a voz de novo.  
Vês ? A cidade já nos fica perto !  
Diz o vigario que quem leva os mortos  
Goza indulgencia lá nos céus, é certo !

E a rêde marcha accelerada, vôa  
N'asa ligeira deste povo crente !  
De muitas leguas o defunto é vindo  
Aos hombros fortes da devota gente !

Succede ás vezes que o inimigo morre,  
Que acaba aquelle que malquisto é ;  
Ai ! nem por isso deixará na morte  
De ter ao lado quem lhe exhorte a fé !



É crença entanto nesse povo rude  
Que a alma do morto não alcança o céu,  
Si antes da hora lhe chegar, foi elle  
De vida eirada \* té que emfim morreu.

Embora fosse; assim que morre é logo  
Levado ás portas da cidade em rêde :  
Ao cemiterio a sepultura cavam  
E por sua alma juncto á cruz se pede !



---

\* Idiotismo frequentemente empregado.

## GOZOS EXTINCTOS

A EUGENIO TOSCANO DE BRITO

Um dia eu me virei para o passado  
Com a dôr no coração,  
E perguntei a mim : quem ha mudado  
Meu sorrir em chorar, pondo a meu lado  
Tão triste isolação ?

Via ao longe na curva que formava  
Dos dias decorridos  
Minha aurora de amor, que resvalava  
N'um pelago sem luz ; a flôr murchava  
Ao sol dos tempos idos !

Só me restam do mundo entre ruínas  
As crenças do passado ;  
O desejo de vêr inda as campinas  
Onde alegre soltei vozes divinas  
Na infancia descuidado.

Outras sombras além passam fugindo  
Na téla do sentir;  
— A casa onde eu nasci e vi sorrindo  
A luz de um puro céu mais claro e lindo  
Que os sonhos do porvir.

Escuto inda gemer a voz do rio  
Nos ramos do espinhal !  
E tudo me recorda o espectro frio  
Do cadaver do amor e o murmúrio  
Do vento sepulchral !



## A PROPHECIA

Logo apóz ao nascer, triste velhinha  
« Pobre creança !... » murmurou, dizendo ;  
« Hoje as estrellas de manhan choraram, »  
« Signal de agouros estou nellas lendo ! »

Cresce em seguida a flôr; o sol da infancia  
Brilha em seus olhos com celeste luz ;  
Serena e calma se deslisa a noite,  
Tudo á innocencia nesse andar conduz.

Eil-a já moça ! mais formosa, quando  
A voz desprende no silencio augusto.  
E a cada nota, que resôa ao longe,  
Treme sua alma repassada em susto !



Ama ou não sabe si o fará na vida,  
Vive e ignora porque então viveu ;  
Soffre e não sabe do soffrer a causa,  
Pensa e ignora que pensar é o seu !

Ha desprazeres, ha desgraça, ha maguas,  
Dôr ha mais funda que se eguale a esta ?  
Tão jové ainda e definhar na quadra  
Dos puros sonhos, illusões e festa ?

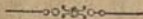
Entre as roseiras, que no prado crescem,  
Ha plantas murchas que a geada assóla,  
Nem todas ellas tem ramagens verdes,  
Nem gosam todas do calor a esmola.

Assim d'entorno dos curraes no inverno  
Vemos creanças se afastar sorrindo ;  
Coradas, louras, rescendendo a leite  
Voltar á choça com semblante lindo !

A fiôr dos campos, como a fiôr dos ares,  
Nem é mais bella nem tão bellas côres  
Ostenta n'asa e nos rosados petalos  
Como essas loucas desbrochando amores !

Mas ha no meio dos rosaes humanos  
Flôr que languece no soffrer exhausta ;  
Ouviu na infancia predizer-lhe a morte,  
E scisma sempre nessa hora infausta !

E o soffrimento se lhe aggrava ainda  
Mais, quando ao seio lhe sorri amor,  
E a vida inteira lhe parece um sonho,  
E cedo pensa que succumbe á dôr !



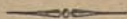
## LÁ

Lá, na sombra dos bosques seculares,  
Era tudo ideal, prazer, ventura;  
Desdobra a palmeira seus cocares,  
Como a índia selvagem na espessura.

Era tudo sonhar: nuvens de incenso  
Se expandiam no ar de incultas fiôres;  
Erguia-se um concerto agudo, extenso....  
Era a orchestra rouquenha dos pastores.

Modulava canções aquella gente  
Que faziam chorar e entristecer;  
A vida era gozar e o clima ardente  
Incentivo maior para o prazer!

Nestas bandas do sul essa memoria  
Jámais se me apagou da mente um dia;  
Em soffrer e penar se cifra a historia  
De todo meu sonhar de poesia.



## JACINTHA

« POEMA DA VIUVEZ »

### I

Nascer bem como a planta e as flôres nascem,  
Sorrir á luz do sol das esperanças,  
Crêr-se ao abrigo do mal para tão cedo  
Ver-se só neste mundo, exposta ás dôres,  
É terrível, cruel, sina de morte!

O' musa da tristeza, onde é que habitas?!  
Sobre as ondas do mar vagando a êsmo  
Ou nas cavernas de maninhas serras?  
Si pousas sobre o lar do filho orphão  
Inspira-me, sentida, alguma estrophe  
De lagrymas banhada! É no silencio  
Que a sós contigo hei meditado tanto  
Antes que aos ventos meus suspiros roje!



A casa onde habitou, depois da morte  
Do chefe da familia, às mãos passára  
Alheias, de outro dono. Faz-me pena  
Recordar os folguedos que tivera  
Á sombra ora crescente, ora minguante  
Daquelle velho oitão. Vinham dos campos  
Nos dias destinados os vaqueiros  
Conduzindo ao curral o gado juncto.  
E além pelo sopé dos altos montes  
A êma de medrosa se escondia  
E, de um lado, a brincar ella apontava  
Com gestos, que fallar inda não sabe ;  
*Ella*, quem ? *Ella*, a filha unica é bella  
Do senhor do logar ; roseira linda,  
Entre as rosas mais ricas do noivado  
Aquella foi sem par, em graça e brilho:  
Era a primeira dos mortaes e o nome  
Teve de flôr: chamou-se a creança  
— Jacintha!

Era entendido o pae em versos  
De um amoroso Ovidio, que nascera  
Em tempos que lá vão e além dos mares,  
Donde então, como hoje, se importava  
A sciencia nos livros. Traduzira  
Muitas vezes o nome de *Hyacinthus*  
Com sentida expressão, pensando sempre  
Ao primeiro dos filhos dar tal nome.

Ai! pobre sonhador! tambem poetas  
Cuidam de rimas empregar e termos  
Que uma vez affagaram seus ouvidos  
E prometem causar bonito effeito!

Singela, meiga flôr, Jacintha, o fado  
No berço te brindou, foste formosa,  
Nasceste como a planta e as flôres nascem,  
Sorriste á luz do sol das esperanças  
E viveste de amor; foram teus dias  
Na infancia sem rivaes além na vida  
Cheios de crenças, impressões e dôres!

II

Á tarde, quando o sol sorria aos montes  
Em busca de repouso è procurando  
Um leito em que dormir, era infallivel  
Vêr-se ao lado, brincar, do pae já velho  
A creança a sorrir. Com seus dez annos,  
Os pés descalços, nús; roupão de cassa,  
Os cabellos da côr das nuvens louras  
Brilhantes do arrebol, ella fitava  
A face do ancião com meigo espanto  
E passava de rir (si alguma nuvem,  
De tristeza turvava o rosto amigo)  
A scismar de repente; humidos olhos  
Pareciam chorar sem verter lagrymas.

Então, como ferido de remorsos,  
O misero ancião cerrava-a ao peito  
E fazia por ser o que não era,  
Alegre se mostrar estando triste.

Era á hora em que descem dos serrotes  
As cabras; animaes procuram limpos  
E em que o gado vacum busca a malhada.  
Nas entranhas do ar cravam-se gritos,  
Cantigas e aboiar; e pelos cimos  
Das montanhas d'além fogem voando  
Os echos a acordar as avezinhas  
Que se julgam, talvez, prezas ás garras  
Dos piratas do ar, negros abutres!  
Era á hora, tambem, em que a familia  
Junctava-se ao terreiro para o terço  
Ás almas se rezar.

Ave, Maria!

Hora cheia de amor, de crenças puras,  
Na infancia te adorei! O' bellas noites!  
O' noites de luar! Por sobre os altos  
Alvejava o capim formando ondas  
De dourado oceano.... Oh! não se riam!  
É bem secco o sertão no mez de agosto  
Em que a lua se mostra mais garrida  
E visinha de nós. É secco o campo;  
E o que o inverno cobriu com verde manto



Murchára, como a flôr das esperanças  
Em seio de infeliz.... Unicas brotam,  
Á margem do ribeiro, algumas arvores,  
Que as raizes contêm nas profundezas  
Da terra que banhou passada enchente.

Nessas horas assim ella brincava  
Ao collo do ancião; embora alegre,  
O semblante trazia pensativo,  
Annuncio de desgraças! Mas não tanto  
Á tarde quando o sol sorria aos montes  
Em busca de repouso e procurando  
Um leito onde dormir.... Ness'hora a vimos  
Ao lado de seu pae brincar com elle  
E, subito, chorar si o via triste.

### III

Cresce á sombra do val rasteiro arbusto,  
Estende sobre o chão seus verdes ramos,  
Apoiando-se assim contra as refregas  
Dos rábidos tufões. Depois se embala,  
Ergue os galhos aos céus e brotam flôres  
De seus olhos ao vir da primavera!

Tambem sobre o areial de nossa vida  
Cresce á sombra do lar um puro affecto,  
Estende sobre nós fracas raizes,  
Amparando-se assim medroso e triste



Contra os ventos do mal, da inveja a furia.  
Mas si as auras do amor, das esperanças  
Banham-lhe as folhas no sorrir primeiro,  
Elle ergue-se a Deus como uma supplica  
Do seio virginal; floresce e vinga  
Nas melhores sazões risonhos fructos.

Mais tímida que a rola de seus sitios  
Ella vivia no retiro ameno  
Em meio à solidão: seu pae, qual sempre,  
Era louco de amor por esta filha.  
Jacintha, o mais querido dos viventes,  
Nem mesmo assim foi livre de perigos!

Um dia que seu pae faltára à meza  
Por motivos talvez desta velhice  
Que afinal incommoda (É ver Pereira:  
Senectus est morbus) foi Jacintha  
Ter com elle no leito angustioso  
(Feliz por vir à luz em meio d'elle)  
E fallou-lhe com voz que ao pobre velho  
Valêra mil cuidados:—Pae querido,  
Sou pobre como tu, mas sou amada  
Por um bello rapaz a quem.... Córando,  
Ia dizer que amava.—O' minha filha,  
Elle fallou-me desse amor funesto!  
Não pude resistir, filha adorada,

Ao golpe que me deu, tão só no mundo,  
Eras a luz que me guiavas onde  
Alento me faltava. Ah! filha, eu morro!

Passaram longo tempo a chorar ambos,  
Pensando nesse dia em que rompidos  
Veria os laços da existencia o velho  
E a moça o fio que a prendêra á vida.  
Como á sombra do val rasteiro arbusto  
Estende sobre o chão curvados ramos,  
Sobre os braços de amor da casta filha  
Rojára-se o ancião n'um doce amplexo  
Cheio de notas de ternura e pranto,  
Como aos seios d'amante o noivo imprime  
Beijo de fogo que custára lagrymas.

IV

Tão pobre n'apparencia aquelle leito  
Occulta sobre si ricos thesouros!  
De alta perfeição! Nos seus recessos  
Treme de sustos, de paixão, quem sabe?  
Virgem no amor a peregrina rosa,  
Em mimoso botão! Ella não dorme  
Nem tem somno, talvez, espera em ancias....  
Oh silencio e respeito! Ella, ignoram?  
É noiva a flôr do val, noiva Jacintha!

Porque murchas assim da face as rosas  
Estão na quadra dos febris deleites?  
Porque tanto scismar quando na vida  
Hymnos e flôres tapetisam sonhos?  
Pensavas encontrar vida em amores,  
Deixaste o divagar pelo remanso  
Da aura conjugal e viste a aurora  
De um dia de prazer sumir-se ao longe,  
Como assombrada de teu leito insonte.

Como nos tempos de cruel molestia  
Subito morre uma familia inteira,  
Assim em menos de completo um anno  
Vio-se Jacintha desolada e triste,  
Chorando a perda dos amigos mortos!

Começa a viuvez! todo um poema  
Passado no silencio dessas horas  
Tão ermas de affeição! todo um martyrio  
Velado á luz da dôr no quarto escuro  
Em meio a isolação desse aposento  
Tão só e horripilante d'entre os outros!

Fraca nos céus a claridade esponenta,  
Vem tremendo a manhan do frio leito,  
Como a biblica flôr das mansas ondas.  
Ah! nessas horas do arrebol formoso  
Em que nos ares se embalança a nuvem



Dourada pelo sol e em que nos campos  
Densos vapores se dissipam breve  
É que ella soffre as mais terriveis dôres !  
Quer a morte sem Deus! e mudo e calmo  
O céu parece desprezar seus rogos.

Tão douda na paixão! naquelle peito  
Ricos thesouros de afeição se occultam !

V

Peior que a viuvez sobrevinente  
Por morte de um dos dois no matrimonio  
É ter-se o coração mirrado, triste,  
Ao cadaver do amor subjugado....  
É não ter-se esperança e conservar-se  
Para as angustias de um martyrio horrendo!  
É não ter-se na vida um lenitivo,  
Ser tão moça e formosa e despresada  
Viver á sombra de mortal olvido!

Depois que se casára a flôr dos bosques,  
Fôra no abrigo de ignotos sitios  
Morar com seu amor e lá no ermo  
Vira murchar-se uma por uma as crenças,  
E as alegrias de sua alma todas  
Entregue ao desvario. A noite veio,  
Primeira noite em que sosinha a vida  
Se lhe figurou má, negra e terrivel!



Pelos espaços solitaria e ébria  
Com rosto em meio, remirando a terra,  
A lua, a lua cambaleia aos tombos!

Como é sombrio o ciclar d'aragem  
Na erma encosta de impinados montes!

Longe, distante, no solar do templo  
De verde coma entrelaçada em flôres  
Os raios frouxos do clarão celeste  
Batem nas franjas do tapiz de relvas  
Em cujas folhas estrelando ondeam  
Lindos insectos, fulgurantes como  
Do prisma as cores, colorindo as sombras.  
O caminho é deserto.

E taciturno,  
Erguido em meio sobre as debeis patas,  
Fareja os ares impotente espectro,  
Amigo outr'ora de seu amo e guarda  
Fiel da casa contra alheios botes.  
Pesam-lhe as palpebras por haver chorado,  
Eleva aos céus embaciados olhos  
E a lua vendo se acercar do occaso,  
Tornar-se grande e de um clarão vermelho  
E as faces magras colorir de prompto,  
Ladra e se atira para ella em uivos!

Confrange a alma o sentimento nobre,  
Que anima a vida desse ser inerme  
Em frente á angustia de tamanha perda!

O pranto foge dos maguados olhos  
Daquella que perdeu o esposo charo.

Peior que a viuvez no casamento  
Por morte de um dos dois, é ver-se livre,  
Viver na sombra vegetando inculta,  
Como a palmeira cuja frente meiga  
Devassa o campo onde sósinha impera.

## VI

Pelos confins do val se estende a noite;  
Noite mais negra o pensamento encerra  
Da pobre orphan e da viuva moça!

A floresta é medonha! O vento ruge!  
E no silencio do azulado espaço  
Nem uma nuvem cavalgar se atreve!  
O rio geme serpeando em torno  
Da negra órla do covil das féras.  
Dentro no meio desta selva umbrosa  
Que de segredos não palpitam n'alma  
De um misero mortal! Eia, poeta!  
Canta os mysterios desse templo augusto.

Ao longe, ao longe, no horisonte infundo,  
Vermelha e turva se afundára a lua:  
Porém nos altos, que lhe estão fronteiros,  
Inda uma restea do clarão desse astro  
Fraca esclarece.

Tão somente em baixo,  
Onde a floresta seu reinado ostenta,  
Ha sombra em derredor. Morada triste,  
Do verme habitação rasteira, humilde,  
Serve de couto ao mais feroz dos monstros!  
Ahi as onças resvalando o ventre  
No chão coberto de amarellas folhas  
Fogem dos echos das humanas vozes  
E vão mais longe se occultar nos troncos  
Por onde a trilha que conduz ao ermo  
Leva da gente os mal seguros passos.

Vêde o perigo que aos mortaes aguarda!

Si fria corre a viração nocturna  
Por entre as folhas dos palmaes, se escutam  
Lugubres queixas de tristonhos môchos  
Ora escondidos no oceano escuro,  
Verde, das comas da floresta ingente!

Alli no seio desses troncos virgens  
Vivem da noite os aquilões, occultos,  
Quando cançados de arrasar os campos



Vão entre nuvens de poeira e fumo,  
Fugindo ás pragas dos christãos e crentes  
De um leito em busca onde dormir carecem  
Para dos membros reavivar as forças.

Quem, sob os tectos desse extenso parque,  
Mirasse as frestas que o clarão trahiam,  
Cançára os olhos sem lograr um ponto  
Fixar do azul do firmamento ácima!  
As parasitas, os balseiros densos,  
Pendem dos galhos das frondosas arvores,  
Vivem da seiva que lhes déra vida!

É basta e emmaranhada a verde selva,  
Escura e negra quando a tarde morre,  
E nos confins do val se estende a noite.

Mais negra escuridão do que a das sombras  
Foi sempre aquella que nos cobre a alma,  
Noite mais negra o pensamento encerra!

## VII

Longo tempo chorou sobre o cadaver  
Abraçada a beijar a fronte fria  
Daquelle a quem amou só nesta vida.  
Exposto ao ar, á luz por si o morto  
Tomára proporções horripilantes.



E entregue á dôr da perda irreparavel  
Ella mais morta do que viva, ainda  
Tentava embalde transmittir-lhe o fogo,  
Que anima a essencia do existir nos seres !

Desprendeu-se, afinal, infecta, horrenda ;  
Tinha na face a pallidez da morte,  
Nos olhos chispa de ondular incerto !

Quando a noite chegou de novo, ás cegas,  
De manso a orla da floresta abrira,  
Sumindo-se no manto escuro, umbroso !

A loucura ? (que bem !) pôde a loucura,  
Unica, ás almas mitigar as dôres ?

Hoje no valle, onde brotára a rosa,  
A flôr mais bella da mansão da vida,  
Só resta a crença que existio outr'ora  
Creança e moça, o mais feliz dos entes !

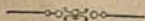
Nem ouve-se aboiar mais o vaqueiro,  
A êma desce, impune, dos serrotes  
E das fallas de amor nem mais um écho!

Á tarde, quando o sol mais se avisinha  
Do leito de dormir, fogem rasteiras  
As aves nos varjaes, talvez scismando  
Nessa pomba do céu que ahí vivêra....

É deserto o seu lar. Além, no seio  
Dessa floresta a cuja orla a moça  
Sonhára as ditas do feliz noivado,  
Tudo nos véda de sondar o arcano  
Da vida humana desgrenhada e louca.

Longo tempo chorou!...

Bem como nascem  
A flôr, a planta, ella exbrochou no mundo!  
Sorrio á luz do sol das esperanças,  
Creu-se ao abrigo do mal, porém tão cedo  
Vio-se só nesta vida exposta ás dôres....  
Teve horrivel, cruel, sina de morte!



## SONHO DE POETA

Os trefegos cabellos  
Cahindo sobre os hombros  
Rolavam pelos combros  
De um seio de marfim....

Macios, como vellos,  
Arfavam de delicias  
Beijando entre caricias  
Dous cones de rubim !...

Sonhei-a assim dormida  
Em nuvens de perfumes  
Aos refulgentes lumes  
De um dia tropical.

Não tenho em muito a vida:  
Si algum valor tem ella  
Daria-o só por vel-a  
De um modo mais real.



## A ESCHOLA

À memoria de meu Avô o Coronel Antonio Barbalho Bezerra

### I

Era a escola bem perto da casinha,  
Aonde me criei ;  
E, o mestre, meu avô. Pela tardinha  
Soltava-se dalli alegre e viva,  
De pasta a tiracol, a comitiva,  
Que em vida mais amei !

Entre os pés de joá verdes e bastos,  
Alli ficava a escola,  
Escondida por trás dos mata-pastos.  
E onde o rico aprendia, o pobresinho  
Tinha assento tambem, que o avosinho  
Fazia-o por esmola.



Era a varzea coberta de espinheiros,  
A fóra outro arvoredó;  
Ao cafúz \* se trepava aos joazeiros  
A gente a fachear pombas de bando.  
Mas descia-se ao vêr estar uivando  
Relampago com medo !

Mal sabia vovô que nós andavamos  
As aves facheando,  
Chamava-nos á conta e nós negavamos  
Dizendo ser intrigas de inimigos.  
« Grande mal vos fizeram, meus amigos,  
As pombinhas de bando?!.. »

Excellentel velhinho que ensinava  
A só fazer o bem !  
Um tremia dalli, outro chorava,  
Cuidando que vovô castigaria  
Com bolos á licção quem não sabia  
Dizel-a. muito bem.

Eu era o mais mocinho, cinco annos,  
Contava unicamente,  
Quando fui aprender juncto a meus manos.  
Por ser tão bolicoso a causar medo  
Mandáram-me estudar assim tão cedo  
Na idade de innocente.

---

\* Corrupção de lusco e fusco, crepusculo, etc.

O certo é que aprendi logo e que hoje  
    Recordo com saudade  
O tempo que passou; a infancia foge,  
Vem a quadra febril e resta ainda  
Uma lembrança dessa vida infinda  
    De amor e mocidade.

II

Tu foste, ó meu avô, um sectario  
    Da luz e da verdade;  
Diffundiste a instrucção como um vigario  
De Christo o não faria pelo povo!  
Ensinaste-lhe a crêr n'um mundo novo  
    De paz e eternidade.

Aonde te arrojou a mão da sorte  
    Ahi plantaste a Eschola:  
E déste á san razão do fraco e forte  
A luz com brilho egual; aos desvalidos,  
Aos pobres como Job, aos opprimidos,  
    Saber tambem consola!

Bemdicto sejas tu entre este povo,  
    Bemdicto o nome teu,  
Devoto da instrucção, Socrates novo!  
Mudem-se embora as fórmãs de teus ritos,  
As luzes da rasão farão bemdictos  
    Teus dotes n'outro céu!

Esta duvida atroz que nos persegue  
É filha da razão  
De um seculo que nasceu ás mãos entregue  
De infames coripheus! Meu velho amigo,  
O tempo que passou, que foi contigo,  
Era todo embryão!

Tu pertenceste á grey dos patriotas  
Que a patria em dezesete  
Arrojou á soidão das invias grotas....  
Nós hoje o que queremos é bonança,  
É paz, sómente paz, e segurança,  
Que a vida nos promette!

Agora os que meditam liberdade  
Não cuidam mais em guerra  
Só tractam da por vir sociedade.  
Embalde o sangue teu ferveu nas veias....  
Nós vemos na conquista das idéas  
A gloria desta terra!

### III

Passaram sobre a fronte da creança  
Os annos de ventura,  
Passaram como sóe ir-se a esperanza  
Em peitos onde a dôr falseia as creanças.  
Inda espero gosar horas extensas  
Dos bosques á frescura!



Adeus, meu pobre lar, paterno abrigo,  
De sombrias enluctado;  
Nos laços de outro amor souho contigo!  
Abre as azas além, materno pouso,  
Áquella a quem sonhei dar-lhe de esposo  
O titulo adorado!

Eu lhe direi, cercando-a de carinhos,  
Aqui, meu doce amor,  
Outr'ora eu divaguei tirando ninhos  
Ao som do descantar do comboeiro.  
É mais agreste aqui o grato cheiro  
Da solitaria flôr!

Alli é que meu pae tinha um roçado  
De varia plantação,  
Onde eu ia botar sentido ao gado....  
Armava as arapucas e gaiolas,  
Pegava as juritys e pombas-rolas  
Nas rumas de feijão....

Além, anjo do céu, passava o rio,  
Depois do temporal  
Escumando a raivar talvez de frio....  
O gado que pastava do outro lado  
Ficava á noite inteira como ilhado  
Sem vir para o curral.



E com tudo eu me cria entre os brinquedos

Feliz no meu sertão:

A varzea a embalançar seus arvoredos

Encantava-me á tarde com seus sonhos

E os annos me volviam mais risonhos

Na paz da solidão.



## A' minha Mãe

Vejo-te além pousada de joelhos,  
Orando por meu pae no cemiterio  
Ao lado do sepulchro onde elle dorme.  
Depois como esquecida ahi jazerés  
Por tempo indefinido até que buscam  
Arrancar-te esta dôr jamais soffrida,  
Que te agarra ao lagedo do sepulchro....  
Eu vejo-te e não sei como minha alma  
Não morre de pezar, não se desprende  
Do involucro fatal a que se liga!  
Si não fora este amor que a gloria teve,  
Talvez que mais feliz eu fosse agora!  
Talvez que de meus olhos tão distante  
Aquelle que me deu o ser não visse  
A luz dos olhos seus sumir-se em trevas!

Eu soffro tanto, ó mãe, porém, te adoro !  
Apraz-me ver-te orar nesse jazigo,  
Onde repousam para sempre os ossos  
Daquelle que nos foi penhor tão charo!

\*  
\* \*

Quando contemplo a natureza á tarde  
Chorosa e triste descorando os valles ;  
Serras negras além, mudas, formando  
Obstaculos á luz do sol no occaso ;  
Si mais contemplo embevecido ás vezes  
Na imagem dessa luz sonhos de outrora,  
E doces illusões da edade sancta,  
Sentindo a vida remoçar-se aos beijos  
Da juventude que me foi tão bella ;  
E descubro o meu lar, amigo amparo  
Ao viandante que tocava nelle ;  
Quando todo esse quadro me depara  
A phantasia a reviver prazeres ;  
Percorrendo um por um tão bellos sonhos....  
Um só pesar me afflige dentro d'alma  
É ver tão triste assim teus olhos brandos  
Banharem-se de dôr e em torno os vultos  
De meus pobres irmãos que tristes choram !

\*  
\* \* \*

São anjos de meu Deus que também soffrem!  
Irmans, anjos na terra, nos céus anjos!  
Feituras divinaes! anjos que vertem  
O pranto solitario da orphandade  
N'um mundo de paixões! anjos que viram  
Na alvorada do amor sorrir a vida.  
A gloria os acenar no doce amplexo  
Da aura conjugal cujo era espelho/  
O nobre coração e os teus mais nobres  
Sentimentos de mãe!... anjos que adoro,  
Por que me fallam desse amor de filhas,  
Dessa innocencia sobre humana d'alma!

Quando meus versos, desfazendo a ausencia,  
Chegarem juncto a ti da cruz ao lado  
Sob que jazem tão sagradas cinzas  
Depõe a todos que minh'alma nelles  
Vae inda morna e lhe dirá a prece  
Que á noite eu rezo por meu pae aos anjos!  
Talvez que lá dos céus onde elle habita  
Um raio desse sol que inspira os vates  
Desça a pós sobre mim e me eternise!





## Ao sol posto

Um raio do poente  
Batia-lhe no rosto,  
Um raio do sol posto  
Na orla do occidente.

De longe aos meus olhares  
A estatua dessa moça,  
Qual flôr que se embalouça,  
Brilhava sobre os ares.

Lembrava as borboletas  
Mais leves e douradas  
Que existem no sertão,

As candidas violetas  
Medrosas, debruçadas  
Dos labios da soidão.





## RECORDAÇÕES

Que bello! a vida do campo  
É uma estrophe de amor!  
Adora-se a natureza  
Nas obras do creador!  
Ha mais perfume na balsa,  
Mais vida no pensamento,  
Mais sonho na infancia bella  
Vozes e queixas no vento!  
Cobre-se a matta de flôres  
Umaz roxas, amarellas,  
Azuladas; de mil côres,  
Outras ha frescas e bellas.

Além o páu d'arco annoso  
Balança a cópa florida  
Á margem d'algum ribeiro....  
Sob os ramos escondida  
Canta a rola no seu ninho  
Ao lado do esposo amigo;  
— Afugentam-se os pezares  
Onde a paz só tem abrigo —  
O ermo trescala aromas,  
A rosa encantos descerra  
E as nuvens fingindo comas  
Passam roçando na serra.

E voam, cortando os ares,  
Os passarinhos em bando;  
Desce-se o curso dos rios,  
Gastam-se as horas andando.  
E os campos são sempre os mesmos,  
As mesmas selvas floridas,  
Os mesmos singelos quadros  
Attestando as mesmas lidas;  
Ricos, immensos thesouros,  
Mananciaes de ternura,  
As serras com visos louros  
Nas tardes de mais tristura.

Como tudo isso me encanta!  
E me faz scismar de amores!  
Sinto morta a flôr dos sonhos  
Na quadra estiva das flôres!  
Meu coração insensível  
A's emoções que fruiu  
Já não tem mais esperanças  
De sentir o que sentiu:  
Entretanto esta saudade  
Como um balsamo sagrado  
Faz-lhe amar a mocidade  
Pelo prisma do passado.





# CANTA

10 de Agosto

A LOURENÇO MARACAJÁ

É hoje o grande dia! amigo, é hoje,  
Em que do mundo á luz, sorriste, vindo!  
Como rapido o tempo passa e foge.  
És homem, canta, eu te bendigo ouvindo!

O sol abrasador donde, cresceste,  
Sob os auspicios do mais bello clima,  
Aqui gira mais frio ao sudoeste  
Mais inda tem calor, eia te anima!

Além, além no seio do infinito,  
Existe um Deus eterno e omnisciente;  
Ergue a Elle esta voz, canta, repito,  
Tua alma exaltarás, poeta crente.

Bebe a inspiração a longos tragos,  
Revive nos teus sonhos de creança:  
E, cysne encantador, adeja em lagos  
De poesia, amor, paz e esperança.

A vida é como um enorme pesadello  
Em que se estorce o home' a cada instante;  
Só a lyra foi dado combatel-o,  
Canta as saudades do paiz distante!

É lá que eu tive o berço, é lá que eu vivo,  
Pela lembrança no feliz passado,  
É lá que eu quero e morrerei captivo  
Preso aos encantos do que tenho amado.

O' minha terra! meu saudoso asylo,  
Visão formosa d'outros tempos idos!  
Deus não me mate sem gosar tranquillo  
Á grata sombra em teus vergeis floridos!

Toma da lyra, abandonada em horas  
De amor, e fogo, e enthusiasmo, patrios,\*  
Legando um nome ás gerações vindouras,  
Da gloria os templos te abrirão seus atrios.

Ah ! canta, canta, eu saudarei as notas  
Que se desprendem de teus labios sanctos....  
E, como o écho, ás solidões remotas  
Irão os ventos repetir teus cantos !



---

\* Sentou praça como o unico meio de estudar, vindo para a Côte onde morreu sem lograr seu intento.

*A flor occulta*

Quando se expande aos seios  
Nos sonhos da alvorada  
Corola nacarada  
De purpurinos veios,

E a virgem doce e mansa  
Soluça n'um desejo  
A voz do sertanejo  
Que treme de esperança....

Revela-se a innocencia  
Na flacidez amada  
Do limbo que desperta;

E a fulva pubescencia  
Resborda a recatada  
Purpurea flôr aberta!





## Lenda do Cabugy

Lá bem no seio dos sertões bravios,  
Lá onde o vento o juremal sacode  
E a voz do ermo de imponente vibra  
E acorda os échos dos vizinhos montes ;  
Lá onde a intriga se atear não ousa  
Nem chega o ruído das cidades longes,  
Em triste asylo de indigencia negra  
Ella vivera e succumbiu. Cantavam  
Em torno á choça do vergel as aves.

Punha-se ao longe o sol e mésta rola  
Desprendia seus ultimos suspiros ;  
Aos primeiros annuncios das estrellas  
Ás flores do sertão prantos banhavam,  
Não filhos do calor, da luz, das sombras,  
Mas dos olhos de Deus, que vela attento  
Em toda a natureza : orvalho, gottas  
De puro e fino odôr, como te adoram  
Essas auras de amôr que o rjcio enxugam.

Sob a magica influencia de teus dotes,  
As flôres desabrocham nos pereiros  
E o perfume que espalham rivalisa  
C'os productos de essencia mais perfeita.  
As plantas reverdecem nos baixios,  
O vapor que á manhan se eleva em ondas  
Assimelha-se a ti, gemmas de prata,  
Matutino frescor, salve tres vezes,  
Alegrias do céu, prantos do ermo!

Era no tempo que Sumé \* pregava  
Sanctas doutrinas que aprendêra ao longe,  
Depois que a immensidade de um penedo  
Cahindo sobre as vagas do oceano  
Motivára um diluvio no Universo  
E das bandas do pólo se escoaram  
As aguas que humectavam sólo inculto,  
E as cadeias dos montes resurgiram  
Desse vasto lençol de bruma algente.....

Quando o mundo, qual folha arrebatada  
Da arvore do Universo, se perdia  
Nos espaços sidereos do infinito,  
Ensaizando os primeiros movimentos  
Na ecliptica alongada dos planetas,  
Como um cêgo que em vão tactêa as trevas;

---

\* Personagem da mythologia indiana.

Presuppõe-se que, então mysteriosa,  
Uma dextra possante e creadora,  
Presidira no vacuo ás leis de Kepler.  
O sol velava fixo. A athmosphera  
Começando a envolver a massa ignea  
Fecundava-lhe a crosta esbraseada.  
Os vapores crescentes se elevavam  
Condensando-se em breve; eis nasce a gotta  
Que se engrossa, se alarga, se despenha,  
Accedendo a uma força—a gravidade.  
Dahi brotára o mar, profundo abysmo,  
Modelo, encarnação da humana força!  
Os fremitos da luz por sobre as aguas  
Inspiravam canções, alcyon dos mares,  
Aos gigantes do abysmo. A natureza  
Estampava os mysterios insondaveis  
Da vida universal,—materia e força.  
As montanhas a um tempo se elevavam  
C'roadas de vulcões; convulsa o sólo,  
E nos fundos valados se projectam  
As lavas rubicundas!

Cresce, alteia-se,  
O fumo incandescente; a terra aspira  
Pelas amplas narinas novo alento  
E prosegue veloz, sempre uniforme,  
Na corrida sem fim pelos espaços  
Concitando no ar as tempestades!



Os elementos ruem ; manam rios  
E em murmurio ruidoso se transportam  
Às praias indomaveis do oceano.  
Sucedem-se os máus tempos, vem a noite,  
Surge o dia, outra noite se approxima  
E a sazão que vigora é primavera.

As planicies revestem-se de musgos  
Da relva ao lado, verdejante arbusto,  
Cresce a raça animal, bravia especie  
De monstros multiformes; sobre os gelos  
Como bolha de espuma que rebenta,  
Habitante polar, se ostenta o urso!  
São as aves o encanto das florestas  
E, senhoras do ar, vagueiam livres,  
Como os peixes no fundo de altos mares.

---

— Diamante do céu que alveja as noites,  
Tu guiaste as primeiras tentativas  
Da terra no seu gyro! Às horas tristes  
De mór escuridão nos hemispherios  
Inundaste-a de luz! Magico espelho  
De outros mundos e sóes, porém mais bello,  
Mais candido e modesto reflectindo  
Seus raios sobre nós.... O salve! ó lua!

---



Nessas éras, além, nas nossas plagas,  
Do seio do planeta e quasi a prumo,  
Com cinta enorme, desnudada fronte,  
Ergueu-se dentre os páramos desertos,  
Livre das commoções das outras serras  
A mais bella no porte e mais faceira  
Das filhas de Tupan, altiva, em meio  
De pequenas rivaes, dissereis, servas!

No tempo em que se abria a flor nocturna  
Que á superficie das lagoas brota.... \*  
E as mattas virgens do sertão de novo  
Verdes floriam na estação propicia  
E o ar dos campos onde a flôr desponta  
Mais se embalsama ás cantilenas tristes  
Das auras mornas do verão e as tardes  
Dos dias idos offerecem quadros  
De varias fórmãs no matiz, nas côres....

Juncto á beira do mar que borda o matto  
Extenso, illimitado e sem verêdas,  
Onde reina o jaguar, senhor dos campos,  
E o veado se avista repentino  
Surgir como visão de um sonho lêdo;

---

\* Flor do iguapé ou aguapé.

Sob o verde docél da natureza  
Á frescura do val, longe das serras,  
Uma hora pousou errante horda  
De selvagens sem lei, filhos da sorte!

Aquella que viveu pobre, obscura,  
Descendia de um rei, dos indios chefe!  
Da infancia que passou perdeu-se a trilha;  
Tivera o berço seu nas invias plagas  
Da terra americana e quando moça  
Fôra attrahida a incestuosos laços....  
Um mancebo feroz, da tribu esteio,  
Do intento sabedor do rei seu amo,  
Oppôz-se com vigor; amava a india  
E fugiram bem sós na madrugada....

Vieram-se acoutar sobre as alturas  
De esquisitos sertões os dois amantes.  
O genio feminil ao vêr a serra  
Tão formosa qual é, bradou pasmada:  
—Cabugy! Cabugy! Jámais meus olhos  
Viram monstro maior! Olha, seu collo,  
Eguala o porte teu: chamal-o-hemos  
Cabugy! Cabugy! pelo teu nome!

\*  
\*  
\*

À direita se estende a cordilheira  
Da cadeia maior de nossas serras, \*  
À esquerda fica o mar, ao pé as terras  
Do verde Pageú, Rio de Ipoeira.

A Lage em frente 'stá; pouco de um lado.  
O alto que chamou-se da Lanchinha,  
E do qual a correr pela noitinha  
Foge o povo de frio congelado.

No rigor da estação, porém, vão elles,  
— Comboeiros e donos de boiada —  
Beber agua de inverno alli guardada  
E os seus ôdres encher feitos de pelles.

Perto a serra o frontal ergue: e bem alta,  
Assimelha um titan erecto e nobre  
E o manto azul do céu com que se cobre  
É puro como o sol que a doura e esmalta!

De longe ao sonhador 'parece a serra  
Um peito de mulher com globo e bico,  
Um peito virginal e o mais pudico  
Por ser de uma vestal, por ser da terra!

---

\* Serra da Borborema.



Salve, sinistra algoz das nuvensinhas  
Que passam n'amplidão d'athmosphera !  
O' salve, Cabugy ! salve, quem dera  
Eterna te elevar nas vozes minhas !

\*  
\* \*

Nova raça abicou sobre esta terra ;  
Succedera-se atroz, cruenta guerra,  
Entre povos de além.  
As náus que o mar pejavam de hollandezes  
Tiveram de se haver com portuguezes  
Em luctas de refem.

Quando as aguas do mar cortavam rente,  
Attrahiu-lhes o olhar a serra ingente,  
Á Batava nação ;  
Crêram ver a cabeça de um gigante  
Nesse estranho perfil, azul, distante,  
No meio do sertão !

Antes delles os incolas da terra,  
Morto aquelle que o nome dera á serra,  
O bravo Cabugy ;  
Já tinham-n'a por deusa de seus lares,  
Senhora do paiz, selvas e mares,  
Em lingua de tupy.



O sólo onde brotaste mais fecundo  
Do que os outros não é ; porém o mundo  
    O inveja só por ti.  
Nem ha matta ao redor de verde coma :  
Sómente o vulto teu, soberbo, assoma,  
    Eterna Cabugy !

— A aguia que campeia nas alturas,  
A ave no seu colmo de espessuras,  
    O caçador das brenhas,  
Em ti fixando o olhar de estranho medo  
Não sabem si és mortal ou si rochedo  
    Que sorte acaso tenhas !

Passam levando ao longe os teus mysterios  
Os cometas nos céus em sons aéreos  
    No eterno viajar ;  
A lua que se espelha em tua fronte  
Dirá si existe além ou serra ou monte,  
    Que possa te egular !

\* \* \*

Nas placidas manhans de dias bellos,  
Quando as aves descantam nos seus ninhos  
E o silencio do lar perturbam vozes  
De accentos infantis e em que na varzea  
Arde a lenha a queimar erguendo crespo  
Fio de fumo que recorta os ares ;

Quando berra o cabrito e a cabra geme,  
Escondida no vão de algum serrote;  
A essa hora de amor propicia ás almas  
Erra nos bosques solitaria corça!

O écho da soidão por onde vaga  
Nem de leve resoa, o branco pello  
Á neve em candidez vence e o lyrio.  
Os que a vêm passar cuidam comsigo  
Que a alma da gentil filha das selvas  
Pena em roda do serro a cujas faldas  
Annos e annos logo após a vinda  
Viveram ambos de caçadas longes,  
De longes excursões por juncto ás costas  
Do mar que as praias do nordeste banha.

Gente inculta e pagan inda procura  
As benções do senhor depois de morta....  
Findaram muito ha, vagando incerta  
Em meio a solidão, seu fado cumprem  
Que Deus lhes outhorgou. A alva corça  
Protegida no andar por tenue nuvem,  
Qual suppõe-se ser alma do guerreiro,  
Que em torno ao Cabugy manso a protege.  
São raros os que logram vêr taes cousas,  
Pois que ás almas do justo unico é dado.

Hoje apenas ficou da serra o nome  
E a vaga tradição que outr'ora houve  
Um ente que alli veio d'outras terras,  
Trazendo, ao lado seu, gentil cabloca  
Dos annos no verdor da primavera!  
Mas buscando-se além alguns vestigios  
Só se encontram visões na mente acesa,  
Que a memoria de um ser charo recordam;  
Um tronco a simular um vulto humano,  
Uma rocha ao luar.... delles nos fallam.

É grato recordar nas virgens selvas  
Lembranças do que foi esta pujante  
Raça outr'ora que ousou sulcar o sólo!...  
Cada margem do rio nos desperta  
Uma imagem vivaz, um pensamento  
Do movel que os guiou por essas plagas;  
Uma pedra onde jazem caractéres  
De toscos animaes, mudos emblemas  
Da grandeza dos seus, hieroglyphos,  
Que os vindouros jamais hão de sabel-os.

Estranha geração esta que surge  
Novos esforços desprendendo em busca  
Dos horisontes alargar da terra!  
É nobre contemplar vivace a chamina  
Da intelligencia a illuminar-lhe o craneo;



Seguir-lhe o caminhar que ás praias leva  
De glorias no porvir n'um mar não longe!  
Excelsa Cabugy, possam vindouros  
Erguer o nome teu a immensa altura,  
— Onde não chega meu cançado éstro!

Possa a fama correr pelo estrangeiro  
E tão grande elevar-se a tua gloria,  
Que os olhares de todos sequiosos  
Atravessando o mar procurem vêr-te  
Como estranha, real e inconcebida  
Maravilha do mundo! O céu proteja  
Com seu manto de azul teus longos dias  
E brilhe sobre ti o sol dos tropicos,  
Dardejando fulgor, em quanto a lua,  
Satellite da terra de que és astro,  
Córa e não ousa proferir teu nome!





## O negro fugido

É noite ; pendem dos serros  
Os mantos de nevceiros,  
Estruge pelas gargantas  
Dos grandes despenhadeiros  
O borbulhar da torrente  
Nascida dos aguaceiros !

O tufão varre as catingas,  
Deita as arvores por terra ;  
As onças buscando as furnas  
Ululam doudas na serra ;  
As aves tremem de sustos,  
O gado aturdido erra !

É noite de tempestade !  
Pelas escarpas dos montes  
Se confundem n'um concerto  
Vozes e preces insontes ;  
São as creanças, do fogo,  
Acocoradas, defrontes !

O cachorro da Fazenda  
Uiva aos brados no terreiro ;  
As creações se atropellam  
Unidas sob o telheiro.  
E os relampagos fuzilam  
Nos altos do taboleiro !

Surge um vulto alli de em roda,  
Todo negro e quasi nú !  
Affronta as iras do tempo  
Com firme olhar : a mim, tu !  
Si és demonio ou tempestade,  
Eu tenho o genio mais crú !

Braços crusados no peito,  
Sonda os páramos do céu !  
Vê nas trevas um monturo....  
Rasgando da noite o véu  
Arroja um fulgido archote  
No casebre que foi seu !

« Raça infame de bandidos  
Fizera de mim escravo!  
A natureza mais terna  
Nunca me dera um só travo  
A beber! contraria delles  
Fizera de mim um bravo! »

E vio-se às chammas dos raios  
Junctar-se as chammas do lar!  
O quadro mostrava o fundo  
De um navio sobre o mar  
Em noite de tempestade,  
Voando em chammas ao ar!

Depois rojando blasphemias  
A Deus, aos homens, ao mundo,  
Volve impavido o phantasma  
Com sinistro olhar, profundo!  
Por onde passa os abysmos  
Se aplanam, mostrando o fundo!

É elle! o filho maldicto!  
Raça de Cham foragido!  
Odeia os vivos e mortos,  
Só ama o antro escondido.  
Ninguem o vê que não trema  
De pensar que anda fugido!

Na infancia o pobre captivo  
Teve tambem a seu lado  
Alem dos paes, um anjinho  
De rosto escuro, engraçado,  
Uma irman, ente bemdicto,  
Com que Deus tinha-o dotado!

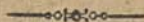
Assim é que em noites claras  
Ouve-se ao longe a toada  
Daquella voz que parece  
Ir de quebrada em quebrada,  
Até sumir-se distante  
Chorando a vida passada.

Eu te saúdo, guerreiro,  
Descendente dos Palmares!  
No teu quilombo de pedra  
És senhor dos.... teus pezares!  
És livre como os abutres  
Que farejam pelos ares!

E nós! soffremos o jugo  
De um rei infimo e bastardo!...  
No peito crepita a chamma  
Do enthusiasmo em que ardo!...  
Quando ouvirás, minha patria,  
Livres os cantos do bardo?



Ergam-se os homens á altura  
Onde não chegam condôres,  
E a Jerichó dos monarchas  
Caia ao som de seus tambores  
E sobre o sólo d'America  
Sejamos to los senhores !



## A ESCRAVA NO LEITO

Um raio de luar lhe bate em cheio,  
Alvejando os varaes do tosco leito;  
Estendida em langór, arfante o peito,  
Dorme a joven captiva em devaneio.

Era bello de a vêr assim no meio  
Do mais nobre sonhar, triste, desfeito;  
Um amor infeliz, amor suspeito,  
Mal se esconde ao bater daquellê seio!

Escutam-se mover passos ao perto,  
Alguem que alli penetra, vem macio,  
E demora o pisar subtil, incerto....

Nada ouviu-se depois : o vento frio  
Toda noite escarvou pelo deserto  
Irrequieto a clamar em desvario!



## O quinguingú

Além o sol se poz, eis chega a noite,  
De escuro ou de luar ?  
Pouco importa saber. Dêram seis horas  
E quer-se descansar.  
Mas, não, não é assim ! O pobre preto,  
Ainda meio nú,  
Si deixa o labutar, falta-lhe ainda  
Fazer o quinguingú.

Depois que se acabou todo o serviço  
Suspende-se o feitor  
E antes de dormir diz aos escravos :  
« É ordem de senhor....  
Ouçam bem gentes lá, hoje de noite,  
Espera-os o feijão....  
O milho a debulhar.... lenha á fomalha....  
Emfim temos serão !

« Vão seis a despontar no picadeiro  
A canna de moer ;  
Dous os eixos lavar e o pé do engenho  
E uns doze remover  
As fôrmas que lá 'stão para os andames  
Da—casa de purgar—  
Um esfregue o paról, cinco ás caldeiras,  
Vão outros vaquejar.... »

« Porque, quando romper a madrugada,  
Ha tudo feito já ;  
E aquelle que furtar-se a seu trabalho  
Melhor é n.º 'star cá :  
Prefiro assim falar que dar pancadas  
Por almoço a vocês.... »  
Não cessa de dar ordens ; assim passa  
Um dia, todo mez.

Aquelle tarefa fóra de horas  
Chamou-se — quinguinguú —  
Por quem de noite o faz. O' triste praga,  
Escravidão és tú !  
Nas safras assim é: a escravatura  
Vae antes de deitar  
Uns 'aquillo fazer, o resto delles  
O mais que então faltar.



Entretanto o viver daquella gente  
    Desperta algum amor ;  
Um canta a trabalhar, outro responde,  
    Levanta-se o rumor.  
Qual dos dois vencerá nos desafios ?  
    Isentos de afeição,  
Só podem modular as tristes nenias  
    Da sua escravidão !

Outros dansam mofando das creoulas,  
    Que fazem quinguingú.  
Esta brada a engrolar : me deixa, preto,  
    Que eu estou de murúru !  
Risadas de prazer ouvem-se acaso  
    Em todo aquelle afan ;  
Quem nada trabalhar espere a tunda,  
    Que vem pela manhan !

Si a noite é de luar depois de tudo  
    O preto vae dormir ;  
Si é de escuro, porém, pensa no roubo  
    Em logo mais fugir....  
Que lei, religião tem esta gente  
    No campo ou na cidade ?  
Nenhuma : todas tem ! Falta-lhe apenas  
    Gozar da liberdade !



CANÇÕES DO ERMO E DA CIDADE

I

OS TEUS E OS MEUS OLHOS

Si fito esses teus olhos  
Desvio logo os meus;  
Não sei que força estranha  
Emana de tua alma  
E luz nos olhos teus!...

Eu penso que teus olhos  
Me falam de paixão  
E temo que descubras  
Tambem nos meus olhares  
As chammas de um volcão.

II

AO CORRER DA NOITE

Reclina-te ao meu peito  
Em flácido abandono ;  
Sem ti meu pobre leito  
É triste ; horrendo o somno!

Sem ti, que valem flores,  
Estrellas, céu e lua ?  
Gozar um céu de amores...  
É ver a imagem tua.

Oh ! vem nesse abandono  
Brilhar sobre meu peito,  
Nas horas em que o somno  
Se ausenta de meu leito !

III

DELIRANDO

O teu viver de moça,  
A gloria de ser bella,  
Luzir como as auroras,

É nuvem que balouça,  
É céu, é luz, estrella,  
Pensar de minhas horas!

IV

RESPOSTAS

Que idéa fazes da vida  
Que entre dous seres se esvae?  
Julgas talvez que são sonhos,  
Dias passados risonhos,  
Sob os tectos de teu pae?...

Como te illudes, creança,  
No teu modo de pensar....  
E não suspeitas de leve  
Que nesta vida tão breve  
Viver é sempre gozar!...

É ter ao lado constante  
A virgem do nosso amor;  
E ver a creança de um dia  
Transformar-se na alegria  
Que bebe a aura na flôr.

Tu, que vives de um desejo  
Tão casto, tão virginal,  
Não podes fazer idéa  
Do que seja esta epopéa  
De amor ao goso real!



V

NINGUEM !

Agora, sim, és noiva,  
Senhora de meu peito !  
Espera-nos o leito  
E a gloria mais além !...

Agora, sim, és minha ;  
Ninguem mais póde agora,  
Roubar-te a mim, senhora,  
Ninguem ! ninguem ! ninguem !

VI

A TRAIÇÃO

Que sentimento doce  
Transvasa de minh'alma....  
A dôr anniquilou-se,  
Volveu-me a antiga calma.

Ai ! não, não é verdade !  
Volveu-me o desengano,  
Que fez da humanidade  
O seu maior tyranno !

O' mocidade, ó crença,  
O' filha abençoada  
De um sec'lo de illusão!

Na vida pouco extensa  
Amor não é mais nada  
Que um calc'lo da razão!

VII

ERAS, SI FORAS

Tu eras a sertaneja,  
Com que brinquei nos meus dias  
De alegres horas de amor:  
Que via correr nos prados,  
Arregaçadas as vestes,  
Para colher uma flôr.

Como eu tremia de vêr-te  
Tão alva, tão tentadora,  
Tudo, de casto que eu era!  
Fingindo nada haver feito,  
Vinhas trazer-me as mãos cheias  
Das rosas da primavera!

O' filha de um céu mais puro,  
De uns ares mais perfumados  
Das varzeas do meu sertão!  
Nunca fôras imprudente  
E ver-me-ias p'ra sempre  
Unido ao teu coração!

Nunca fôras tão perjura,  
Tão fementida e diversa  
Daquella que me deu flôres....  
E talvez que inda pudesse  
Prendendo as almas n'um beijo  
Reviver nossos amores!

### VIII

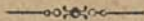
#### ULTIMA ESPERANÇA

Mordêra-te o ciume,  
O áspide do amor....  
E perjuraste, ó filha!  
O' desgraçada flôr!

Mesquinho ser fugiste,  
Tomada de despeito,  
Me arrebatando as crenças  
Mais candidas do peito!

Só resta uma esperança  
Bem triste nessa parte :  
É ter ouro bastante  
Com que possa comprar-te :

E crêr que nesse dia  
Que fôres a leilão  
Conserves inda puro  
Teu joven coração !...





## O REDEMUNHO \*

« Fecha as portas, meu menino,  
Que o redemunho cá vem!  
Tira os pannos do terreiro,  
Anda de pressa, meu bem,  
Que o demonio é traíçoeiro!

« Oh! Sancto Breve da Marca!  
Nunca vi na minha vida  
Um demo tão corredor!  
Passarinhos sem guarida  
Voaram só de terror!

---

(\*) Corrupção de redomoinho.

É o forte redemunho  
Que traz consigo o demonio....  
Valha-me Nossa Senhora!...  
Te arrenego! Sancto Antonio  
Acudi-me nesta hora!

« Corre, corre, meu filhinho,  
Filho do meu coração....  
Lá roubou com mão de gato  
Meu rendado cabeção....  
Figa! cruzes! « Pé de pato »!

\*  
\* \*

O vento mais rijo zune,  
Varre as folhas do arvoredos;  
O filho escondido chora,  
A mãe palpita de medo,  
Rezando sem mais demora.

É fama que o demo anda  
Pelo mundo bem sosinho  
N'um turbilhão de poeira,  
Que fórma o redomoinho  
Passando pela Ribeira.

Recordo que sempre via  
Fechar as portas e frentes,  
Quando vinha pelo matto  
Um desses tufões valentes  
A que chamam—Pé de pato!

Ou então saltavam logo  
A fazer « cruzes! » ao vento  
E era tal a gritaria  
E os mil « figa! » do momento,  
Que o diabo destrocia!



## O DESPERTAR DO COMBOEIRO

« Alerta! minha gente! A madrugada  
    Não tarda a clarear;  
Escutaram dos gallos a toada?  
Primeiro que arrumemos o comboio  
E ponhamos as cargas todas fóra  
    Tem muito que esperar  
Para irmos com Deus adiante embora.

« Agora, pelo matto ergueu-se a êma;  
    O lepido tapir  
Percorre os taboleiros de jurema,  
O pato nada altivo e pressuroso  
Como um barco vogando na lagôa,  
    E a natureza a rir  
Saúda a luz d'aurora doce e bôa! »



Arranchado nas margens de um arroio,

Depois de somno leve,

Assim fallára o dono do comboio,

Longe as barras estando de quebrar.

Acorda pressurosa a companhia,

Arranja tudo em breve

E lá se vão com Deus, raiando o dia!



## FORTUNATO

### LENDA

Ha tempos na Serra-Branca \*  
Pelas noites de S. João  
Via-se um grande clarão  
Que ardia....

Passava o anno. No dia  
Á mesma hora aprasada  
Estava a tocha encantada  
Lá de novo!

O povo, que é sempre o povo,  
Fazia disso um mysterio  
E julgava em seu criterio  
Deste facto.

---

\* Na margem direita do rio Açu.

Espalhára-se o boato  
Que o diabo alli andava  
E todo o anno voltava  
Pela festa

De S. João, tendo na testa  
Um olho grande de fogo  
E, cantando o gallo, logo  
Se sumia!

Mas ninguem lá se atrevia  
A saber ao certo o facto,  
Até que a isso abalou-se  
O famoso Fortunato.

\*  
\* \*

Tão destemido era este  
Que as onças vendê-o corriam  
E as fêras mais corpulentas  
Os seus passos conheciam.

Dos encontros nas caçadas,  
Das luctas de braço a braço,  
Provinha o medo que tinham  
Essas ouvindo-lhe o passo.

\* \* \*

Haverá quem adivinhe  
O que fez este Sansão  
Na noite de S. João  
Em que o povo

Contára tudo de novo  
Do que ha muito se dizia,  
Quanto ao fogo que se via  
No logar ?

Pôz-se o home' a meditar  
No caso maravilhoso  
E decidiu-se teimoso  
A saber.

Sahio sem nada dizer  
De lá da beira do Rio \*  
Com ares de desafio  
Insolente.

No sertão ha muita gente  
Que ainda crê em feitiço,  
E persuadindo-se disso  
Receiára....

---

\* Rio Açú.



Da direcção que tomára  
O valente Fortunato,  
Que depois de ouvir o caso  
Seguira cortando o matto.

\* \* \*

Sorria a natureza  
Na vesp'ra de S. João.

Que folia,  
Que alegria,  
Não é esta  
Quanta festa

De inundar o coração!  
Viva! viva o S. João!

Em toda parte se acende  
A fogueira de S. João.

Que fogueira  
Feiticeira!  
Não é esta!  
Quanta festa

Abalrota o coração!  
Viva, viva o S. João!

\* \* \*

Fortunato a essas horas  
Trepava pelo lagedo....  
Sem menor sombra de medo  
No seu rosto.

Quando chegou ao tal posto  
Vio partir sem trepidar  
Um vulto preto ao logar  
Onde estava.

Era um bode que soprava,  
Lançando fumo das ventas  
Em espiraes vermelhentas  
Côr de fogo.

Travou-se o combate logo  
Entre os dous brutos ferozes  
E ouviam-se mais os berros  
Do que soarem as vozes.

\*  
\* \*

Emquanto assim pelejava  
O bode com Fortunato,  
Nas cabanas se queimava  
O ramo verde do matto  
Nas fogueiras de S. João.  
E as velhas mexeriqueiras  
Contavam muita mentira  
De moças namoradeiras,  
Que nesta noite se vira  
Cahir mortas sobre o chão.

E fallavam mal da Europa,  
A terra da bruxaria,  
Onde mulheres com opa  
Completavam romaria  
Pelas noites de S. João.  
E os mouros áquem d'Hespanha  
E de além Mediterraneo  
Em Portugal todo anno  
Faziam das suas manhas  
Por não ser povo christão.

\*  
\* \*

Oh! que velhas  
Mentirosas!  
Quantas rosas  
De vermelhas  
E amarellas  
Se fizeram  
Desprezadas,  
Si queimadas  
Não disseram  
Cousas bellas!

\*  
\* \*

Lá onde os caminhos cruzam  
Veem-se homens montados,  
Outros a pé esperando  
Por certos momentos dados

Para tomarem mandinga  
Do maioral dos infernôs,  
Recebendo este sua alma  
Por prazeres sempiternos.

Um quer ser vaqueiro esperto,  
Outro rico como terra;  
Este aqui já se contenta  
Com caçar mel pela serra  
E aquelles mais namorados  
Só pedem moças bonitas  
E este e mais aquell'outro  
Querem gozar de mil ditas.

\*  
\* \*  
\*

Era já por meia noite,  
Ia o fogo se apagando;  
Ora do vento ao açoite  
Novamente se animando.  
Os moços eram de vinda  
Da medonha encruzilhada  
E na Serra Branca ainda  
Era a lucta encarniçada.

\*  
\* \*  
\*

As armas que blandiavam  
As mãos daquelle guerreiro  
Só davam talho certo  
Mas em vão !



Té que emfim o seu facão  
Acertou tocar no bicho  
E decepar-lhe o rabicho  
Juncto ao couro.

Deu o bode um grande estouro,  
Ficou zonzo Fortunato  
E sentio cheiro de enxofre  
Em roda por todo matto.

\* \* \*

O logar onde se achava  
O nosso heroe nesse instante  
Era mais alto que as nuvens,  
Mais liso que o diamante,  
Pois era no cocuruto  
Daquella serra gigante.

Feita de pedra sómente  
A Serra Branca altaneira  
Escorrega mais que o lôdo  
Das aguas na cachoeira....  
Como pôde Fortunato  
Subil-a sem ter ladeira?

Eis aqui como se conta  
O caso passado então:  
Seguira o cairel do abysmo  
Sem nunca mirar o chão....  
Mais veloz que a lagartixa  
Consequira esta assenção.

\*  
\* \*

A noite tornou-se escura,  
Tão feia que dir-se-ia  
Não poder surgir um dia  
De tanta trevoa e negrura.

Embaixo, o vento soprava  
Nas franças do juremal  
E nem a aurora sonhava  
De despontar pelo val.

Escutando ainda o brado  
Que o demo lançára á terra  
Sentio-se abalar a serra  
Ao rugir do som irado.

Em menos d'um quarto d'hora  
Fez Fortunato oração  
E firme em Nossa Senhora  
Escorregou para o chão.

Quando em baixo se apanhára  
Não tinha carne nas coxas ;  
Suas mãos comidas, roxas,  
Do sangue que espadanára !



## A BURRINHA E O LOBISHOMEM

A meia noite não tarda :  
Os cachorros já latiram....  
Quem tem filhos ponha em guarda,  
Que as passadas já se ouviram  
Da burrinha excommungada,  
Mulher de padre, encantada!

Sabem todos que o vigario  
É causa de tal perigo,  
Tem em vez do breviario  
Raparigas lá comsigo,  
Que ás noites de sexta-feira  
Viram burra chocalheira.



De manhã antes da missa  
Dá-lhe o padre a excommunhão ;  
Mas depois vem-lhe a preguiça  
Esquece o facto em questão :  
É então que a mulherzinha  
Passa de gente a burrinha.

O mesmo succede ao home',  
Que come escama ou carvão,  
Se vira n'um lobishome'  
E corre todo o sertão.  
Sangra os meninos na rêde  
Por fartar no sangue a sêde.

Por noites silenciosas  
Nas varzeas de minha terra,  
Ouvem-se as vozes medrosas  
Dos cães armados em guerra  
Contra o fero lobishome',  
Que tudo que sangra, come.

As mães pallidas de susto  
Vão donde dorme o esposo  
Ao berço do filho a custo,  
E, tendo ao seio amoroso  
A creança adormecida,  
Se alegram de a vêr com vida !



## DIALOGO

Os casos de minha terra  
É ver um, ver tudo mais....  
A menina sertaneja  
Ama sómente um rapaz.

E para prova do facto  
Eu contarei mesmo já  
Um dialogo occorrido  
Entre dous filhos de lá.

— Que me trouxeste da festa  
Dos teus vizinhos de além?  
Maria, que me trouxeste  
Do casamento, meu bem?

« Da festa um riso nos labios,  
Do casamento umas flôres ;  
São estas de laranjeira  
Inda em botão, meus amores. »

— Eu aceito o teu sorriso  
Mais as flôres em botão ;  
Maria, os noivos choraram ?  
Como passou-se a funcção ?

« És por demais curioso !  
Porque não casas, José ?  
As flôres que a noiva deu-me  
Fazem casar.... não tens fé ? »

— Maria, si os teus parentes,  
Não fossem tão presumpçosos,  
Ha muito que todos elles  
Nos teriam como esposos !

« Eu já sei.... deixemos isso,  
Vou contar-te esta aventura :  
A noiva estava corada....  
Como pitanga madura ! »

— Era de pejo, Maria !  
E o noivo que fez então ?  
Sorria ou era constricto ?  
Que fazia o paspalhão ?

« O noivo ? si tu soubesses !  
Não corou nem bocadinho,  
Olhava em roda da noiva  
Todo ciumes, bemzinho ! »

— Só de ti, minha cabocla,  
É que eu não tenho ciume,  
Inda que brinques com outrem  
Ou te adivinhe um queixume....

« D'outro tanto não me accuso  
Quando te vejo com Rosa  
E quizera ser a morte  
Para vingar-me raivosa ! »

— Pobre Maria ! a Rosinha  
Sempre me fala de ti ;  
Quando se encontra connosco  
Diz-me depois : bem te vi !

« Bem-te-vi parece ella !  
Longe vá seu triste agouro !  
Temo nas folhas da rosa  
Não se occulte algum bisouro.... »

— Estranhas acaso o modo  
Della falar-me de ti,  
Só porque um passarinho  
Ha que chamam « bem-te-vi ! »—



« E ainda tu achas pouco !  
Vi-o cantar uma vez  
E ainda guardo comigo  
O susto que então me fez !

— Ah ! já sei ! lavavas roupa  
Ou banhavas-te na fonte...  
Julgando estar sózinha  
Quando elle cantou defronte ? !

« Não foi isso, mentiroso !  
Acabára aqui de estar...  
E quando me retirava,  
Se pôz o biltre a cantar ! »

— Pois julgas então, Maria,  
Que os passarinhos entendem  
As fallas de dous amantes,  
Os peitos que elles se rendem ? —

« Não quero saber lá disso,  
Deixe a rosa em seu logar...  
E a mamãe a estas horas  
Já cançou de me chamar ! »

— Então vae, minha Maria,  
Quando seremos felizes ?  
Si eu souber que me desprezas,  
Vou morrer n'outros paizes ! —

« Não sabes ? no casamento  
De que 'stavamos fallando  
Eu jurei... » — O que Maria ? —  
« Ih ! Jesus ! lá 'stão gritando ! »

E separaram-se alegres  
Aquelles dous sertanejos  
Cada qual por sua parte  
Aceso em castos desejos !

Assim passavam-se as tardes  
Em doces falas de amor,  
Vinha aurora, se escreviam,  
Era a cartinha uma flôr.

Té que um dia se casaram  
Por geral assentimento  
Dos parentes de Maria  
Que deram-n'a em casamento.



## O SINO DE ESTREMOZ

LENDA

A MEU IRMÃO ELIAS SOUTO

Naquelle tempo, sim ; era saudoso  
Vêr a tarde morrer nos horisontes,  
Contemplar o fulgor de mil estrellas  
Que ao cobrir-se de sombras os altos montes  
Se accendiam no céu vivas e bellas!

Naquelle tempo, sim! vinham as aves  
Trinar suas canções melodiosas  
Nos ramos do arvoredado verdejante,  
E as boninas do campo melindrosas  
Exhalavam o perfume mais fragrante.

Naquelle tempo, sim ; a merencoria  
Deusa da caça, despresando galas,  
Brilhava meiga por um céu de agosto,  
Namorando o pastor de doces falas,  
Que os olhos embebia no seu rosto.

Naquelle tempo, sim! se acreditava  
Nos milagres dos sanctos padroeiros  
E as lendas se escreviam na memoria;  
Abundavam os casos verdadeiros,  
E do Deus dos christãos crescia a gloria.

\*  
\* \*

Era no tempo dos heróes de Lysia.  
Juncto á cidade do Natal demóra  
A velha aldeia onde se déra o factó,  
Que á noite ouvira referir outr'ora.

Ha juncto a esta uma lagôa immensa,  
Que em meia lua quasi a cerca inteira.  
E tão profunda que parece a todós  
O oceano contemplado á beira!

Della se conta que a mãe d'agua, ás vezes,  
Vagava a êsmô á superfice azul,  
N'um côche d'ouro que giboias duas  
Tiravam junctas ao soprar do sul.

E eis a razão accrescentava o povo  
Porque a lagôa não seccou jamais,  
Pois lá no fundo, da mãe d'agua, existe  
Um bello paço de rubim, chrystaes.



Viam-se os filhos naturaes da terra  
Ao se banharem na lagôa immensa  
Serem levados pelo som dos cantos  
A esses reinos de magia e crença.

Eram já tantos os clamores vivos,  
Tantos os casos de sumisso havia,  
Que acontecendo ao sacerdote um desses  
Às duas cobras 'scomunhou n'um dia.

\*  
\* \*

Podiam ser seis horas !  
No páramo deserto  
O sol além morria  
Ao lubrico concerto  
Da voz da ventania.

Podiam ser seis horas :  
Os bois tardos e lentos  
Os passos arrastavam....  
Sombrios, agoirentos,  
Os oitibós cantavam !

Podiam ser seis horas  
De um « dia de fazer » ;  
Em meio ao taboleiro  
Extenso a não poder  
Dormindo ia o carreiro....

Podiam ser seis horas:  
O carro reclinava  
Ao passo cadenciado  
Da junta que puchava  
Um sino nelle atado.

Podiam ser seis horas:  
Da estrada a maior volta  
Ao longe se perdia...  
Além, das casas, solta,  
A fumaça ao ar subia.

\* \* \*

Alli, a villa de Estremoz ficava  
    Bem perto do logar;  
E apenas do carreiro a separava  
    A lagôa sem par.

E para lá chegar era preciso  
    A rodear um pouco;  
O povo, muito ha que está do aviso,  
    Alegre, quasi louco!

\* \* \*

Ai! como fôsse noite e o misero carreiro  
    Dormir continuasse,  
Os bois seccos de sede ao fim do tableiro  
    E antes que acordasse

Aquelle que os guiava e vendo juncto aguas  
Sahiram do caminho  
E foram mitigar na marge' as maguas  
No ponto mais visinho!

\*  
\* \*

Já todos se preparavam  
Para a chegada do sino;  
As fogueiras aticavam  
Com fervor e devoção,  
Quando fartos de esperar  
Nem carro, nem sino vindo  
Correram para o logar  
A tomar indagação.

Sómente indicio restava  
De ter sido mergulhado,  
Quando á lagôa chegava  
O carreiro adormecido;  
Viu-se o rasto se perder  
Pelo fundo d'agua a dentro  
E não mais reaparecer  
Crendo-se tudo immergido.

Pensou o povo com tino  
Que as duas serpes pagans

Haviam roubado o sino  
Para o fundo da lagôa,  
Onde elle toca á surdina,  
Comido os bois e o carreiro  
E que a mãe-d'agua ladina  
Attrahira-os c'uma lôa.

\*  
\* \*

Em vista desse escandalo  
O padre escommungou-as,  
E quando ao outro dia  
Voltára ao sacrificio....  
Achou humilde, trémula,  
A uma das giboias  
Que veio arrependida  
Pedir perdão da vida.

E elle dando crédito  
Á supplica da cobra  
De novo abençoou-a  
Mandando-a ir embora,  
E hoje o povo crédulo  
Querendo dar idéa  
De um monstro egual formado  
Reconta admirado :



Puzera a cauda húmida  
Na porta principal;  
Arrodeando a igreja  
Viéra com a cabeça  
Deital-a sobre a última  
Parte de seu dorso;  
Era como um laço  
Aquelle horrendo abraço.

A outra meio dúbia  
Em alcançar perdão  
Buscára o taboleiro  
Distante do povoado  
E lá morreu de colera!  
É fama que no bosque  
Aonde ella morrêra  
Nem mais relva nascêra!

\*  
\* \*

É noite de festa e a missa do gallo  
Não tarda a se ouvir.  
A gente das casas espera a chamada  
Do sino que as cobras puderam sumir,  
Mas nunca tragal-o.

E o sino escondido no fundo das aguas  
Repica saudoso  
Á noite de festa na missa do gallo,  
Chamando as pessoas em dobre fanhoso,  
Echoando nas fraguas.

São muitos aquelles que assás destemidos  
Buscando enconral-o  
Deitaram-se ao fundo da immensa lagôa  
Na hora em que toca p'ra missa do gallo  
Mas lá são retidos.

E o anno que volve o sino é parado,  
Ninguem o escuta;  
Sómente na noite de festa repica,  
Reboando nas selva de gruta por gruta  
Em som compassado.

\*  
\* \*

Alguns ha que pensam que a linda mãe d'agua  
Mudára de sitios, vagando nos rios  
Em cata de novos e infantes amores,  
Na hora em que os mochos desprendem seus pios.  
O mar se povoa de brancas ondinas  
E os homens repousam da mais crua magua!  
Na hora em que o campo se afoga em negrores  
E os serros se embuçam n'um véu de neblinas.

\*  
\* \*

Dantes, á noite, na taba espaçosa  
Dormiam os indios senhores da terra ;  
Vieram os brancos sedentos de sangue  
E a palma o terreno tomaram por guerra.

De juncto expulsáram seus filhos mais bravos,  
Tornáram captiva uma tribo bisonha ;  
E em vez de agradal-os, castigos lhes deram,  
Tornára-n'a escrava, vergonha, ó vergonha !

Assim é que a raça de um povo valente  
De todo extinguiu-se nos nossos sertões  
E hoje só restam milagres qual este,  
Mentiras infames, crueis irrisões.

Só restam captivos, escarneo dos livres,  
Só restam miserias no nosso Brasil.  
E o vasto terreno que o Luzo aviltára  
É patria de um povo monarchico, vil !



## O LAGARTO E O MOSQUITO

À MEMORIA DE LUIZA MARIA DA CONCEIÇÃO

Bom dia ! amigo lagarto,  
Comprimentára o mosquito:  
Repare, não ouve as notas  
Do seu cantar tão bonito ?  
Não vê tambem minhas pernas  
Mais grossas que tod'as mais ?  
Você sorri-se, lagarto !  
Onde viu outras eguaes ?...

— O bom senso me aconselha  
Que a não querer discussões  
É melhor ficar sem ouças  
Do que ouvir taes pretencões....  
E desde então até hoje  
Que ficou surdo o lagarto  
Entupindo os seus ouvidos  
De tantas mentiras farto.





## A BOTIJA

Cousa sonhada tres noites  
Em somnos consecutivos  
Não tem que ver, é verdade,  
Sejam lá quaes os motivos.

Si é botija o que se sonha  
Enterrada com dinheiro,  
Podem cavar sem ter susto,  
Pois é mais que verdadeiro.

Vem a alma do Sovina  
Nos pedir missa e rosario  
E traz-nos em paga o ouro,  
Que ganhou como usurario.

Mas, si acordado se conta  
O que vem de se sonhar,  
É de balde que se busca  
Recordar-se do logar !

Si espera com paciencia,  
Passados dous sonhos mais,  
A alma mostra o dinheiro,  
Dando todos os signaes.

No momento de cavar-se  
O diabo tudo encapa,  
Por que a alma suffragada  
Por tal meio se lhe escapa.

E são tantos assobios  
Que nesse instante faz dar,  
Que é mister muita coragem  
Para a botija cavar.

Vencendo todo impossivel  
Consegue tirar-se fóra  
A alma nos « fecha o corpo, »  
Agradece e vae-se embora.

Mas, si avistando o dinheiro,  
Esquece a gente a promessa  
E só tracta de gosar-o,  
Se vira em carvão de pressa.

Ri-se o demo às escondidas  
Desta nova tentação,  
E a pobre d'alma penada  
Não alcança a salvação.

Si nada disso acontece,  
Vive feliz quem sonhou  
E só morre si o buraco  
Da botija se fechou.

Pois é crença que entopido  
Todo fosso que se fez  
Morre aquelle que cavára  
Sem não ser a sua vez!



## A POMBA DESGARRADA

POEMA DA JUVENTUDE

Às vezes entre as pedras de um serrote,  
Apertada, esgueirando-se dos lados,  
Se embala meiga flôr em fraco arbusto.

No céu do inverno a nuvensinha passa,  
A aura foge do seu berço á noite  
E a pobre rosa, sem frescor dos ares,  
Sem doce orvalho dos nocturnos éstos,  
Vive, sem força, acrisolada á haste!

O tempo é sempre máu; lá vem um dia  
Em que beijando os alcantis dos serros  
Ruge a tormenta e desgrenhada corre,  
Afoga em agua a desgraçada planta,  
Que antes de sêde definhava á mingua!



Vida calma, tranquilla e socegada  
Aquella que se vive além dos muros  
Das cidades e grandes povoados  
(Onde o clima é fatal e a epidemia  
Nunca emigra de lá), vida sem dôres  
De continuo prazer só comparavel  
Áquella se gosa além da campa  
No seio do infinito, si é verdade  
Que nossa alma, existindo, a carne deixa  
Depois da morte remontando vaga  
Entre as delicias eternaes dos anjos!

Quando a brisa o frescor sorvendo ás flôres  
Corre ligeira nos vergeis do norte  
E é frio o sol nascente, as mattas virgens  
Acordam sensações tão doces n'alma  
Que nos faz recordar ethereos sonhos,  
As grandes diversões que diz-se os seres  
Fazem occultas sob varias fórmas  
Antes de todo humanisar se virem!  
Esses rumores, divinaes, confusos,  
São outras tantas creaturas meigas  
Que informes voam no correr dos ventos.

Por entre os ramos da sombria balsa  
Toda essa orchestra retumbante havia  
Da moça triste ás illusões entregue  
Doce acordado uns sentimentos vagos,

Desejos castos de vêr longes terras,  
Onde o sol do prazer brilha nas fronte  
Que a formosura revestiu de encantos!

\* \* \*

Uma tarde em que estava assim scismando  
Assentada á soleira da Fazenda,  
Um mancebo avistou perto de casa  
(Onde arrancho pediu) e pensativa  
Mais se tornára a descobril-o a moça:  
Vieram-lhe por certo á mente os sonhos  
De climas visitar e estranhas terras.

Olharam-se por vezes distrahidos  
O moço viajor e a moça insonte...

Anoitecêra além. Na vastitude  
Via-se a facha luminosa e bella  
Por sobre a copa do esplendente bosque  
Cortar o céu a meio. Antigamente  
Fôra dos Gregos conhecida em parte  
Pelo tão proprio de—Galaxa—nome!  
Rio de leite! de douradas vagas,  
Caudal de estrellas, maravilha eterna,  
Das altas regiões! ó madre uberrima  
Das vastas nebulosas! no teu seio  
Minh'alma vaga attonita e indecisa,  
Interrogando o vácuo inexprimivel,

E mais mesquinha se me afflige ainda  
A condição de « ser-intelligente »,  
De « saber que não sabe » e desespera,  
Pois nada entende do que vê de grande!

Á luz da lua que minguante surge  
Pallidas morrem no horisonte estrellas;  
Mas inda aquellas de mais vulto brilham  
Illuminando e ao clarão mortico  
Desses archotes no infinito accesos  
Elles se viram com prazer em horas,  
Que tudo em roda se entregára ao somno.

Duas vezes o sol cruzára o tecto  
Da triste habitação: d'escuras moitas  
A cantiga do mocho annunciára  
Negros presagios em piados longos!  
Era a hora dos timidos colloquios  
Daquelles dous amantes, mais um dia  
E outro sol que surgisse do levante  
Não viria-os mais lá contar segredos!

\* \* \*

Ha tantas rosas nos jardins da vida,  
Tantas flôres no prado verdejante,  
Tantas idéas n'um só ser pensante,  
Que um nome estranho não nos faz scismar;



Seja de planta nas soidões perdida,  
Seja de idéa ou pensamento exprima  
O nome della inda não dicto ácima  
Era Innocencia, de fazer-se amar.

Filha dos ermos, o crescente brilha  
Sobre as encostas de empinada serra  
E resoluta a desposar á terra  
Dá-lhe um aspectó de ideal rainha !  
Ah ! tu descanças, qual da mancenilha  
Á fresca sombra de pensares cheia  
A india moça que, rompida a teia  
De seus mysterios, no soffrer definha.

Nos braços delle ao marulhar dos rios  
Fias-te apenas na palavra sua !  
Ah ! que não vejas esconder-se a lua  
Entre as das nuvens tenebrosas côres !  
A varzea é longa, os matagaes sombrios  
Doces soluçam no gemer do vento  
E tu não scismas sobre o triste evento  
E a negra sina de teus máus amores !

Oh ! pallida mulher, porque te inflammas  
Ás vozes desse amor que sahe do peito ?  
A febre do prazer te abrasa o leito ?  
O fogo do gosar crepita em torno ?...



Essas fallas de amor, esse a quem amas,  
Acaso não te lembra um falso amante?  
Não faltam seducções! Ai! delirante,  
Não dê-lhe sem pudor o seio morno!

Foge aos rogos de amor, nesse retiro  
Ao cantico selvagem dos chechús  
Ergue os olhos piedosos para os céus  
E pede-lhes perdão desta demencia!  
Nesses bosques sem fim ao teu suspiro  
O verbo do senhor não será mudo  
Baixando sobre ti. Oh! mais que tudo  
Vela os sonhos de amor, doce Innocencia!



Subira em meio ao céu o sol ardente,  
Era a hora em que abrasa o chão inculto  
Mais intenso calor, em que nas sombras,  
Repousa o viajor, das caraybas  
Que bordam riachões, unicas, onde  
O frescor que provém das folhas verdes,  
Da brisa que é constante nesses êrmos  
Os corpos refrigera. Ah! a rêde  
Distenderam nas azas do carinho.

Qual da sesta se olvida o catapirro  
Ao lado da consorte inseparavel,  
Beijam-se junctos, roçagando as azas,  
Parlando de um porvir que não se entende;  
Assim, da solidão gemem no seio  
Aquelles corações apaixonados!  
Um, victima, talvez, de seus deliquios;  
O outro meditando um crime horrendo  
De fingida affeição: fruindo ambos  
Em suspiros de amor, a morte em gosos!

Cria-se ás rúas das cidades grandes  
De pequenos sultões turba indolente,  
Das desgraças nos publicos banquetes  
Companheiros em tudo inseparaveis:  
No espetaculo continuo das orgias  
A vida vão prurindo, até que, gastos,  
Embrenham-se depois pelos desertos,  
Mensageiros reaes da desventura  
De Fazenda em Fazenda mascateando.

\* \* \*

Era Malino, filho da cidade,  
Procedente de nobres fidalgotes,  
Gastára o dote seu, d'irmans os dotes  
E como libertino era apontado.

Porque aos mattos de além fôra levado?  
As victimas que fez em seus delirios  
Morreram-lhe nas mãos ; dos alvos lyrios  
Muitas outras viveram sem grinalda....

Filha da solidão, rica esmeralda,  
Não foste, não, a unica vencida ;  
Outras a sorte de mulher perdida  
Arrastam nas cidades populosas !

Agente das orgias crapulosas,  
Fornece os companheiros da desgraça  
Os restos dos despojos donde passa,  
A infamia de sua alma que não presta....

A sabia meretriz, abelha-mestra,  
Perfuma-lhes os corpos delicados  
De essencias virginaes.... sonhos amados  
Visitam-lhes o leito de setim.

Acordam na manhan... o serafim  
Recobra da innocencia as azas leves  
E as pulsações do seio são mais breves  
E os desejos mais vagos e apressados!...

Si agora amor vos tem tão colligados,  
Heis de vêr-vos depois de todo ausentes ;  
Ambos seguem destinos differentes  
Tu perdida, elle fervido amator !



Volve pois a teu lar, modesta flôr,  
Inda é tempo de amar a natureza;  
Foste trahida, embora! mais pureza  
Existe no sertão que na cidade.

O' pallida Innocencia, que saudade  
Não sentirás á noite de teus êrmos!  
Ah! volve á solidão triste, sem termos,  
Ás brisas do verão e á liberdade!

\* \* \*

Depois que se passaram muitos annos,  
Volvera ás regiões onde nascêra,  
Julgando refruir gratas doçuras  
No seio dos parentes ultrajados,  
Que ao vê-la se esconderam de vergonha.  
Sabia-se que fôra prostituta,  
Mulher perdida emfim! Fosse destino  
Ou fosse propensão, temiam todos  
O contacto daquella que se vende  
A outrem sem pudor e os brancos seios  
Expõe da loja nos balcões do alcouce!

Nescios, tendes razão! O universo  
É feito desse modo! A messalina  
Que atira-se ao prazer indifferente  
É digna de louvor, si no caminho  
Da vida que levou, teve impossiveis



Ante os quaes se curvou e preferindo  
Vender-se a mendigar, ella immolou-se !  
Pois que vós o sabeis castas esposas  
Que o ser fraco em luctar a tanto obriga.

Perdôo-te, mulher, o sacrificio  
Do corpo que apodrece amortalhado  
E louvo-te a grandeza de tua alma  
Que ácima do que é máu vê nas alturas  
O justo a te mirar e não te odeio !

Errou de porta em porta, mendigando  
Pelas ruas desertas do povoado  
E ninguem n'a quiz vêr juncto a seus lares.  
Miseria ! ingratição ! Fôra-se a triste  
Andando, andando ao longo dos caminhos,  
Até que foi parar onde pregava  
Acaso um Missionario outras doutrinas.  
Confessa-se e depois por toda a parte  
Espalhou-se na terra o caso novo  
Da nova Magdalena arrependida !  
Todos iam beijar-lhe os seus cabellos,  
Tocavam sua mão porque era sancta  
E se tinham na conta de felizes  
Por ouvil-a falar de seus martyrios.

\*  
\* \*

Chorei! a dôr fatiga,  
Enerva o sentimento...  
Oh! nunca o pensamento  
Se eleve além da vida!

Morrer! si quer a vida  
Não vale o sacrificio...  
Manchar do torpe vicio  
A alma nos prazeres.

Que são estas mulheres  
Douradas, perfumosas,  
As faces côm de rosas,  
Os labios encarnados?

São idolos pintados,  
São obra dos artistas,  
Feituras de modistas,  
Modelos, perfeições.

As auras dos sertões  
Da vida de innocencia,  
Nos restitue a essencia,  
Amor nos corações.

\*  
\* \*

Findára-se a missão : tranquillo o povo  
Seguia seu caminho do trabalho  
Resmoendo os rozarios, as corôas  
Impostos pelo Padre ; e a Messalina  
Assim chamada em dia de desprezo  
Passava por ser sancta. Quando a tarde  
Cahia sobre os combros de esmeraldas  
E á relva da campina se casava  
O azul do céu formoso e pelos ares  
Mudava á côr das nuvens, o poente,  
Principios do arrebol que se avizinha,  
Mergulhando o final do dia esplendido  
N'um mar de rosicler ; ella, os seus olhos,  
Alongava-os, porém, na dôr immersos,  
Além a se perder por traz dos montes,  
Buscando um ponto negro no nascente  
Aonde o seu amor, unico e puro,  
O primeiro sentir do virgem peito  
Jasia endoudecido do cognac,  
Do vinho e do charuto magnifico  
Á porta dos cafés ; e quasi morta  
Ficava horas e horas esquecida,  
Prostrada pela angustia dos remorsos,  
Meditando nas poucas esperanças  
De ser inda feliz nos braços d'elle.



Curvaste a fronte meiga e pensativa  
Ante um ser repellente e desprezível ;  
Por elle o coração inda te bate  
Qual nos dias primeiros, possa eu vêr-te  
Inteiramente isempta do peccado !

\*  
\* \* \*

Adeus, meu patrio lar, adeus, meu minho,  
Meu sonho de infantil e casto amor !  
Teu nome passará, doce murmúrio,  
Ás novas gerações que despontarem !  
A varzea recortada por teus rios,  
Coberta de palmaes altos, indomitos,  
O aprasível do céu, o alegre clima,  
Ha de a historia narrar em seus prodigios  
E aos filhos dessa terra, agradecidos,  
Um bafejo inspirar de poesia !

Possa eu antes de vêr a luz da vida  
De todo se extinguir mirar as casas,  
Os grandes capinzaes, os tableiros,  
Aquella espessa nuvem vespertina  
Que ao soprar do Nordestea varzea cobre  
E o céu do meu Açú. Os comboeiros,  
Erradios das trilhas dos caminhos,  
Divagam, sem saber em vão, perdidos :



Os arabes parecem nos desertos  
Cortando os areiaes incalculaveis  
Da Africa-central e asphixiados  
Pelos éstos dos torridos kansins !

Saudosa viração, vem, pois comigo !  
Fazem-te ainda nos esconjuros torpes  
Quando deveram respirar-te o aroma.  
Mimosa Aracaty, brisa dos mares,  
Nessas horas da tarde somnolentas,  
Onde a gaita sentida do guieiro  
Corta os ares n'um morbido suspiro  
Unido aos ternos ais de um peito amante  
Que geme em solidão qual Innocencia...

Sem este recordar que fôra a vida ?...

Adeus, meu patrio lar, adeus, singela,  
Flôr de meus sonhos infantis de outr'ora !  
Hei de voltar a ti, cantar um dia  
Á sombra dos varjaes de carnaúbas  
Em versos desegnaes, porém sentidos,  
Filhos das crenças de teus proprios filhos  
O ermo e a solidão que tanto adoro !

Por mais que me despeça de ti longe  
Eu nunca me darei por compensado  
De repetir-te adeus por todo o sempre !



NOVA PHASE







# NOVA PHASE

—•—  
AO CLUB POPULAR \*

I

## Brasil

Oh! deixem-no dormir! talvez nest'hora  
Nos annos do porvir sonhe liberdade,  
Talvez que no sonhar veja a trindade,  
Que a França attenta vio raiar outr'ora....

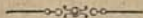
Silencio! Que fragôr ruje lá fóra  
Dos lados do equador? Que claridade  
Brilha intensa do sul na escuridade  
Em que jaz a dormir o infante agora?

---

\* Os versos que seguem foram lidos em sessões desse extincto club.

Que aguia ou que condor surge dos Andes,  
Altivo Prometheu, com as azas grandes  
Demandando as procellas do infinito?

São povos teus irmãos livres e fortes,  
Que assistem teu dormir querendo as sortes  
Unir aos fados teus, Brasil proscripto!



## II

### Ignominia

A HYPOLITO CAMPELLO

Emquanto a morte pallida e sombria

Atterra os corações,

E varre a peste a populaça indomita,

Que vive obrigatoria da enxovia

Nos fetidos porões;

Emquanto no covil mais degradante

A enxerga do mendigo

Exhala o cheiro máu das prisões publicas

E o pobre pede pão ao passeante

Na rua ao desabrigo;

Emquanto a ignorancia em meio ao povo

Tem sequito real,

E o padre se insinúa nas familias

A falar-lhes do horror de um mundo novo,

Do castigo infernal;

Emquanto a molecage em brincadeiras  
Se coze ás navalhadas  
Á falta de instrucção e de policia,  
O rei percorre as côrtes estrangeiras  
Do sabio admiradas;

E o misero Brasil, o pobre escravo,  
Coberto de baldões,  
Applaude a subtileza da politica  
Que o roja ao lamaçal mais ignavo  
A que chegam nações!

Terra do berço meu, a Liberdade,  
Mui custa a recobrar;  
Porém é mais cruel gemer ao latego.  
Do que vir sobre o chão da nova idade  
As veias desatar!...

Quando passar á noite dos planetas  
No alcantil dos serros  
A sombra dos heroes da inconfidencia,  
Não serás surdo a voz dessas trombetas....  
Resgatarás teus erros!





### III

## O genio e a mocidade

A R. TEIXEIRA MENDES

Soberano poder da intelligencia,  
Em ti reside a força da grandeza,  
Em ti minh'alma adora os reverberos  
Da deusa liberdade!

Quando a terra era um fóco luminoso  
Errante sobre a plaga do infinito....  
Ou perdida scintilha no universo  
E a vida era um problema ;

Quando após os phenomenos primeiros  
Da physica e da chimica explosaram,  
Talvez ao mesmo tempo n'uma cellula  
Gerou-se o pensamento!


Percorrendo os degráus da varia escala  
No cerebro cresceu dos vertebrados...  
Attingiu o esplendor! ultimo termo  
Da série fôra o homem!

Ahi tiveste a seiva fecundante  
Do genio universal! ahi brilhaste,  
Fulgurante poder da intelligencia,  
Mais que a terra a principio!

---

Mocidade! no amor consiste a gloria!  
Amae á liberdade, á esposa, á patria,  
Luctae pelo saber, pelo progresso  
Da sancta humanidade!

---



IV

Apprehensões

A S. A. I. REGENTE \*

No dia em que a canalha erguer-se do marasmo,  
Tregar as barricadas mirando augustos fins,  
Talvez que nessas horas de sancto enthusiasmo  
Não possas mais furtar-te á furia dos mastins !

Aquelles que ora pensam na sorte dos patricios  
E vêm na revolta da infrene populaça  
Um crime perpetrado do povo nos comícios  
Serão nas barricadas com ella sobre a praça.

Talvez no céu azul da patria de Colombo,  
Da terra que Cabral primeiro descobriu,  
Se escute o mesmo som, mesmissimo ribombo  
Da voz da Liberdade que inteira resurgiu.

---

\* Inspiração de uma poesia do Sr. J. do Patrocínio.

E tu, regia mulher, com filhos desgrenhada,  
E hirta de terror, medros a do perigo  
Verás as explosões da plebe afdalgada,  
E a morte ante teus olhos na furia do inimigo.

Não penses que os fidalgos, que os satrapas dacôrte  
Te possam defender dos botes da canalha!...  
A forza pede sangue e a raiva quer a morte  
E embalde invocarás o auxilio da metralha!

Renega, ó pobre moça, renega a triste gloria,  
Um cargo que é do povo, que nunca foi dos reis!  
Resigna a missão heroica, mas ingloria,  
E os homens far-te-ão justiça pelas leis.

É quando no futuro da patria brasileira  
O sol resplenderá sem manchas pelo céu!  
E a Liberdade, a gloria, trarão por mensageira  
A paz universal ao povo Prometheu!





V

A morte do suicida

Á MEMORIA DE JOAQUIM DE SOUZA

Alma de sonhador, alma utopista,  
Poeta, que soffrer minou-te a vida?  
Que pesar empanou teu céu de amores?  
A morte que detesta o epicurista  
Tem seducções tambem'; a enticida  
Não é tão feia assim nos seus horrores!...

Alma de sonhador, na tua infancia,  
Naquellas varzeas de virentes palmas,  
Onde o sol d'amanhan desperta amores,  
Não te falaram da eternal fragrancia  
Que respiram no céu as doces almas,  
Os cherubins de Deus por entre flôres?

Não te falaram do juizo sancto  
No val de Josaphat quando estrondosa  
A trombeta soar?... Nos teus amores  
Não creste sempre em Deus? E no entanto  
Tiveste em pouco a alma preciosa  
E morreste sem crêr nestes terrores!

\* \* \*

Perder as illusões quando no peito  
Sente-se arder em fé a pyra sancta  
                  Dos sonhos do porvir,  
É morrer, eu bem sei, é ter o leito  
Na existencia que boia; a morte espanta?  
                  Peior é existir!

Oh! creiam lá em Deus! a eternidade  
Teve origem na nossa natureza  
                  E existe só pr'a nós.  
Maldicta cem mil vezes a vaidade,  
O egoismo fatal, tanta avareza,  
                  De nós proprios algoz!

Si a vida fosse além da sepultura,  
E si a alma rompesse a athmosphera  
Onde iria parar?  
O vacuo, a gravidade, a immensa altura  
A que ficã dos céus a nossa esphera....  
A impedem de voar!

O' sabio Galileu, ancião covarde,  
Tu foste um grande atheu, novo Messias  
Da luz e da rasão!  
Dês que a terra gira é tarde, é tarde!...  
Acabaram-se as doces utopias  
De uma eterna missão!

\*  
\*  
\*

Podes dormir em paz: além no seio  
Da materia tua alma de poeta  
Modula a inspiração de teus amores....  
A planta que brotar da cova em meio,  
A vaga em seu rugir seja discreta,  
Não murmurem jamais teus estertores!

Filho daquellas plagas verdejantes,  
Falaram-te no lar talvez de gloria,  
Nesta côrte fallaz parca de amores  
E deixaste a scismar as alvejantes  
Praias do Ceará e á luz da historia  
Vieste compr'ender que são traidores!

Bardo infeliz, ó filho das montanhas,  
Onde contesta o céu que a vista illude  
E o sabiá soluça seus amores,  
Recebe um adeus de irmão que são tamanhas  
As saudades que verto no alaúde  
Que mais parece o canto um ai de dôres!

Côrte—1876.

JOSÉ LEÃO

